



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA

ROSELI LEAL RIBEIRO

“ESFREGA A ROUPA MARIA NO TANQUE”:
ARQUIVO, DOCUMENTO E MEMÓRIA AFETIVA A PARTIR DE NARRATIVAS DE
MULHERES NEGRAS DO MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS DE SALVADOR

SALVADOR

2021

ROSELI LEAL RIBEIRO

“ESFREGA A ROUPA MARIA NO TANQUE”:
ARQUIVO, DOCUMENTO E MEMÓRIA AFETIVA A PARTIR DE NARRATIVAS DE
MULHERES NEGRAS DO MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS DE SALVADOR

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Colegiado do Curso de
Arquivologia do Instituto de Ciência da
Informação da Universidade Federal da
Bahia como requisito para a obtenção do
grau de Bacharela em Arquivologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Leyde Klebia Rodrigues da Silva

SALVADOR

2021

Catálogo na Publicação

Ribeiro, Roseli Leal.

R484e “Esfrega a roupa Maria no tanque”: arquivo, documento e memória afetiva a partir de narrativas de mulheres negras do Movimento das Lavadeiras de Salvador / Roseli Leal Ribeiro. - Salvador, 2021. 67 f.

Orientadora: Leyde Klebia Rodrigues da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, 2021.

1. Arquivos. 2. Memória Afetiva. 3. Mulheres Negras. 4. Documento de Arquivo. 5. Movimento das Lavadeiras de Salvador. I. Silva, Leyde Klebia Rodrigues da, orient. II. Título.

CDU 930.25

ROSELI LEAL RIBEIRO

“ESFREGA A ROUPA MARIA NO TANQUE”:
ARQUIVO, DOCUMENTO E MEMÓRIA AFETIVA A PARTIR DE NARRATIVAS DE
MULHERES NEGRAS DO MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS DE SALVADOR

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Colegiado do Curso de
Arquivologia do Instituto de Ciência da
Informação da Universidade Federal da
Bahia como requisito para a obtenção do
grau de Bacharela em Arquivologia.

Aprovada em: 10/junho/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Leyde Klebia Rodrigues da Silva
Orientadora (DDI/ICI/UFBA)



Prof.^a. Dr.^a. Carolina de Souza Santana Magalhães
Examinadora (DDI/ICI/UFBA)

Franciele Carneiro Garces da Silva:01275516033 Assinado de forma digital por Franciele
Carneiro Garces da Silva:01275516033
Dados: 2021.05.14 12:19:31 -03'00'

Prof.^a. Me. Franciéle Carneiro Garcés da Silva
Examinadora (PPGCI/UFMG)

A todas as pessoas que resistem e lutam
por justiça, e uma vida menos desigual.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, sobretudo a minha mãe, minha falecida avó e a todas as 'eiras' (cozinheiras, costureiras, lavadeiras, quitandeiras...) que me inspiraram a produzir este trabalho.

Ao Aislan, meu filho, por seu amor e paciência, por compreender este trabalho, ter me ajudado e inspirando como mulher e "pãe" (mãe e pai).

Aos meus irmãos, pelas memórias da infância.

Agradeço a toda equipe do Instituto de Ciência da Informação (docentes, assistentes administrativos(as), seguranças e pessoal da limpeza) por terem proporcionado interações seja em aulas, palestras, encontros, debates e trocas de ideias que tanto contribuíram para minha formação como Arquivista. Especialmente à minha orientadora Leyde Klebia por ter aceitado me conduzir nesse trabalho e dar novo sentido aos estudos, pela compreensão, carinho, gentileza e inúmeras leituras de sempre.

Um carinho singular a Edméia Viana a qual partilhamos momentos de risos e choro e foi pessoa fundamental para dar início e continuidade a essa pesquisa.

Agradeço a toda equipe do CEAS ao qual tive oportunidade de executar a minha pesquisa, especialmente a Débora Tourinho Santos que sempre supervisionou as atividades realizadas no CEAS, enquanto eu cumpria o Estágio Supervisionado.

Aos(as) discentes dos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia, que com o passar dos anos nos tornamos amigos, compartilhando neuras, angústias e conhecimentos. Espero que se sintam contemplados, pois eles sabem quem os são.

A Durvalina e sua família pela acolhida compreensão e afeto.

Aos amigos, amigas e amigues que encontrei pela vida, de tal grandeza, que compartilham a experiência suburbana periférica das metrópoles.

Nunca foi fácil e nunca será.
Para o povo preto do preconceito se libertar.
Sempre foi luta, sempre foi porrada.
Contra o racismo estrutural, barra pesada. [...]
Fala pro homem cordial e a sua falha engrenagem.
Meu corpo é livre, com amor, cor e coragem.
Pra cada um que cai, choramos rios e mares.
Mas nunca calarão as nossas vozes milenares.
Sem gênero ou preceito, humanos em nova fase.
Wakanda é o meu mundo, Palmares setor a base.
Quem topa esse rolê, dá asas a liberdades [...]
(SOARES, Elza; RENEGADO, Flávio, 2020).

RESUMO

Analisar narrativas de mulheres negras do Movimento das Lavadeiras de Salvador entendendo como a memória afetiva pode ressignificar trajetórias subalternizadas, fortalecer grupos socialmente (in)visibilizados e reforçar o papel social dos arquivos é como está estruturado o objetivo geral desta pesquisa. Especificamente, pretendeu-se: realizar um levantamento dos documentos do Movimento das Lavadeiras de Salvador no Centro de Estudos e Ação Social; selecionar os principais documentos de arquivo que apresentem indícios sobre a memória afetiva das mulheres negras do Movimento das Lavadeiras de Salvador; examinar os documentos identificados sob a perspectiva da memória afetiva das mulheres negras do Movimento das Lavadeiras de Salvador, e; verificar como essas mulheres compreendem sua vivência e trajetória no Movimento das Lavadeiras de Salvador atualmente. O referencial teórico do estudo centra-se nas discussões sobre memória e documento, documento de arquivo, memórias afetivas, movimento de mulheres negras, histórico brasileiro do movimento de mulheres negras, protagonismo de mulheres negras e, Movimento das Lavadeiras de Salvador. Metodologicamente, se caracteriza, quanto à natureza como qualitativa, quanto aos objetivos, exploratória e descritiva e quanto aos procedimentos documental, fazendo uso do fundo arquivístico da Associação das Lavadeiras da Região metropolitana de Salvador, custodiado pelo Centro de Estudo e Ação Social, entendido como o campo da pesquisa. Como instrumentos para coleta e organização dos dados utilizou-se quadros sistematização dos dados documentais e de um roteiro de entrevista semiestruturada, para coletar as narrativas das atuais líderes do movimento. Para analisar os discursos encontrados nos documentos de arquivo e nas entrevistas, utilizou a perspectiva interpretativista, tendo como base o referencial teórico da pesquisa e ainda princípios do método historiográfico. Os resultados evidenciaram nuances nas histórias de vida, principalmente na percepção das mulheres como partícipes em relação ao grupo, identificando indícios que evidenciam o pertencimento associativo, desvelando o processo de transformação social. As considerações finais refletem sobre o Movimento das Lavadeiras de Salvador como fonte de informação, tanto para sociedade quanto para as pesquisas científicas, pois nele, encontram-se diversas realidades, histórias de vida e um patrimônio imaterial versado em narrativas, permitindo observarmos que a arquivística, pode dialogar com a subjetividade das narrativas nos arquivos.

Palavras-Chave: Arquivos. Memória Afetiva. Mulheres Negras. Documento de Arquivo. Movimento das Lavadeiras de Salvador.

ABSTRACT

To Analyzing narratives of black women from the Salvador's Washerwomen Movement, understanding how affective memory can give new meaning to subalternized trajectories, strengthen socially (in)visible groups and reinforce the social role of archives is how the general objective of this research is structured. Specifically, the intention was: to carry out a survey of the documents of the Salvador's Washerwomen Movement at the Center for Studies and Social Action; to select the main archival documents that show evidence about the affective memory of black women in the Salvador's Washerwomen Movement; to examine the identified documents from the perspective of the affective memory of black women from the Salvador's Washerwomen Movement, and; to verify how these women understand their experience and trajectory in the Salvador's Washerwomen Movement today. The theoretical framework of the study focuses on discussions about memory and document, archival document, affective memories, black women's movement, Brazilian history of the black women's movement, black women's role, and the Salvador's Washerwomen Movement. Methodologically, it is characterized, in terms of nature as qualitative, in terms of objectives, exploratory and descriptive, and in terms of documental procedures, making use of the archival fund of the Association of Washerwomen of the Metropolitan Region of Salvador, guarded by the Center for Study and Social Action, understood as the search field. As instruments for data collection and organization, we used systematization tables of documental data and a semi-structured interview script, to collect the narratives of the current leaders of the movement. To analyze the discourses found in archival documents and interviews, the interpretivist perspective was used, based on the theoretical framework of the research and also on the principles of the historiographical method. The results evidenced nuances in the life stories, mainly in the perception of women as participants in relation to the group, identifying signs that evidence associative belonging, revealing the process of social transformation. The final considerations reflect on the Salvador's Washerwomen Movement as a source of information, both for society and for scientific research, because in it, there are several realities, life stories and an immaterial heritage versed in narratives, allowing us to observe that the archival, it can dialogue with the subjectivity of the narratives in the archives.

Keywords: Archives. Affective Memory. Black Women. Archival document. Salvador's Washerwomen Movement.

LISTAS DE IMAGENS

Imagem 1 –	Exemplar jornal ALARMES	34
Imagem 2 –	Arranjo da ALARMES	40
Imagem 3 –	Recorte jornal Tribuna da Bahia de 29 de setembro 1986	41
Imagem 4 –	Termo de abertura do livro da Ata de setembro de 1983	42
Imagem 5 –	Transcrição de reunião ocorrida 02 de março de 1991	43
Imagem 6 –	Cotidiano das Lavadeiras (1)	53
Imagem 7 –	Cotidiano das Lavadeiras (2)	53
Imagem 8 –	Cotidiano das Lavadeiras (3)	54
Imagem 9 –	Cotidiano das Lavadeiras (4)	54

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 –	Narrativas dos documentos – trechos selecionados para análise	44
Quadro 2 –	Narrativas dos documentos – trechos selecionados para categoria “MLS”	45
Quadro 3 –	Síntese das narrativas selecionadas no levantamento documental	45-46
Quadro 4 –	Narrativas orais – trechos selecionados da Entrevista A	48
Quadro 5 –	Narrativas orais – trechos selecionados da Entrevista B	49-50
Quadro 6 –	Síntese do Levantamento das narrativas orais	50-51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACCS	Atividade Curricular em Comunidade e Sociedade
ALARMES	Associação das Lavadeiras da Região metropolitana de Salvador
AN	Arquivo Nacional
CAMPO	Casa da Memória Popular
CEAS	Centro de Estudos e Ação Social
ENEARQ	Encontro Nacional de Estudantes de Arquivologia. Nossos Encontros
FGTS	Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
MLS	Movimento das Lavadeiras de Salvador
MNU	Movimento Negro Unificado
MNUCDR	Movimento do Negro Unificado Contra Discriminação Racial
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFBA	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

1	“POBRE MARIA, VAI TORCENDO A VIDA” : INTRODUÇÃO	12
2	“MARIA TEVE UM PESADELO”: MEMÓRIA E DOCUMENTO	17
2.1	DOCUMENTO DE ARQUIVO	20
2.2	MEMÓRIAS AFETIVAS	22
3	“MARIA TAMBÉM É MULHER”: MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS	25
3.1	HISTÓRICO BRASILEIRO DO MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS	26
3.2	O PROTAGONISMO DE MULHERES NEGRAS	28
3.3	MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS DE SALVADOR	30
4	A VIDA DE MARIA NÃO É SOPA”: METODOLOGIA	35
5	“MARIA ... ESTÁ LAVANDO A VIDA”: MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS DE SALVADOR	38
5.1	NARRATIVAS DOCUMENTAIS	39
5.2	NARRATIVAS ORAIS: entrevistas semiestruturadas	46
5.3	DISCUSSÕES SOBRE MEMÓRIAS AFETIVAS	51
6	“MARIA TEM MUITA ESPERANÇA”: CONSIDERAÇÃO FINAIS	56
	REFERÊNCIAS	59
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	63
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO	64
	ANEXO A – BOLETINS ALARMES UTILIZADOS NAS NARRATIVAS DOCUMENTAIS	66

1 “POBRE MARIA, VAI TORCENDO A VIDA”¹: INTRODUÇÃO

Este estudo tem por finalidade sobrelevar as memórias afetivas do protagonismo feminino negro na (re) construção do Movimento das Lavadeiras de Salvador. O movimento das Lavadeiras de Salvador foi fenômeno popular social que teve sua ascensão no final da década de 1970 inícios dos anos 1980, composto por mulheres brancas, homens, porém na sua grande maioria era formado por mulheres afrodescendentes de baixa escolaridade. Neste estudo destacamos especificamente alguns aspectos da trajetória das mulheres negras envolvidas no movimento que viviam nos centros urbanos à margem da sociedade. Essas mulheres almejavam melhores condições de trabalho e reconhecimento da sua identidade na engrenagem social.

Grupos como estes se destacam por manter sua cultura e se enxergar como cidadãs(ões) de direito em uma época que a repressão dominava, principalmente aos que não tinham registro de trabalho formal. Mulheres, em sua maioria negras, que carregam em suas peles a discriminação de serem lavadeiras, um legado de gerações, transpassando o ofício de mãe para filhas e filhos. Lembranças, emoções e narrativas carregadas de afetos, perpetuando sua identidade.

Nesse contraponto, conforme Pollak (1992) a identidade está diretamente ligada à memória social, onde o sujeito possui vivências individuais partilhadas numa hegemonia coletiva, isto é, cada memória é parte de um todo. Essas memórias constroem a sociedade, no entanto os fatos históricos são registrados de acordo com a visão política sociocultural elitizada da época, subjugando e invisibilizando o sujeito de protagonizar sua própria história.

A história do Movimento das Lavadeiras de Salvador no tramitar de suas atividades administrativas acumulou um riquíssimo acervo documental importante na contextualização da luta e reconhecimento da cidadania desse grupo de mulheres. Atualmente, a documentação está armazenada no Centro de Estudos e Ação Social (CEAS), na cidade de Salvador, Bahia. Ele compõe um dos fundos da Casa da Memória Popular (CAMPO). O CAMPO é um dos projetos do CEAS que visa à memória dos

¹ Os títulos capítulos entre aspas se referem ao poema “Esfrega a roupa” de Laura, lavadeira do bairro Barreiras publicado no livro “Lavadeiras: mulheres construindo um movimento” (1989).

movimentos sociais baianos e nordestinos, custodiando a salvaguarda e preservação dos documentos.

O CEAS é uma entidade sem fins lucrativos que tive o privilégio de conhecer através de Edmeia Viana (à época graduanda em Arquivologia), para exercer a disciplina de Estágio (ICIA17). Edméia e eu revezávamos o tempo na limpeza do acervo do CAMPO e na observação dos documentos inseridos. Nesse período, nos deparamos com conjuntos documentais relativos ao Movimento das Lavadeiras de Salvador. Como estávamos em período de escolher temas para nossos TCCs, achamos pertinente investigar mais sobre aqueles documentos. A partir disso, escrevemos um artigo sobre o Movimento das Lavadeiras de Salvador (MLS), o qual foi apresentado no Encontro Nacional de Estudantes de Arquivologia (ENEARQ) de 2019 em Niterói. Posteriormente, decidimos escrever o Trabalho de Conclusão de Curso de forma colaborativa. Contudo, mediante as adversidades do isolamento social que Pandemia do COVID-19 trouxe adiei meu propósito. Edméia seguiu em frente e defendeu seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em 2020 intitulado “O Movimento das Lavadeiras de Salvador: o papel social dos arquivos na ressignificação da memória coletiva”, no qual ela aponta aspectos físicos e os procedimentos da descrição e classificação dos documentos desse movimento.

Sendo assim, ao retomar minhas atividades e dar continuidade ao trabalho que iniciamos juntas, este TCC pretende abordar outros tipos de conjuntos documentais, que denominamos: Narrativas Documentais (discursos proferidos para entrevistas no Caderno do CEAS e Boletins ALARMES) e Narrativas orais (entrevistas semiestruturadas realizadas com líderes comunitárias do movimento atualmente).

As informações dos fundos custodiados pelo CEAS são objetos de estudos, por diversos alunos da Universidade Federal da Bahia (UFBA), devido à Atividade Curricular em Comunidade e Sociedade (ACCS), atividade de extensão no campo da História e Memória das Lutas Populares na Bahia, coordenadas pelo professor Iraneidson Santos Costa (IRAN), sociólogo e doutor em história pela UFBA. O professor Iran me convidou para participar das aulas que são realizadas no próprio CEAS. Em um dos encontros, fizemos uma atividade na associação do Grupo de Mulheres do Alto das Pombas, uma mesa de memórias. Diversas fotografias eram espalhadas e penduradas nos varais, os convidados escolhiam três fotografias e as anfitriãs, maioria mulheres negras de idade avançada, relatavam as histórias percebidas e vivências na comunidade. Uma imagem

me chamou atenção, por se parecer muito com local onde vivi minha infância, um bairro paupérrimo – Morro da Cruz, cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul.

A foto escolhida por mim retrata duas crianças aparentemente brincando num riacho. Coincidentemente eram dois filhos de uma lavadeira, e uma das senhoras presentes no local os conhecia e começou a narrar a história por trás da imagem. Tal narrativa exposta me causaram inquietações, percebi que existiam história(s) por trás da história documentada.

Os documentos referentes às atividades administrativas “[...] se considerada como etapas operacionais, para que se alcance o objetivo de dar acesso à informação [...]” possuem descritores tecnicistas por finalidade de provas jurídicas, “[...] registrar, classificar, avaliar, eliminar (quando chegada a data estabelecida pela avaliação), descrever, dar a consulta e divulgar” Heloisa Bellotto (2002, p. 19-20). Porém, em uma análise mais criteriosa e subjetiva dos mesmos será possível observar também as histórias de vida que os compõem.

Nesse sentido, este trabalho busca uma reflexão perante os documentos armazenados com propósito histórico, jurídico administrativo, e trazer um novo sentido a memória social explanada nos mesmos. Como questão central, indagamos: Como memória afetiva de mulheres negras podem ressignificar trajetórias subalternizadas, fortalecer grupos socialmente (in)visibilizados e reforçar o papel social dos arquivos?

Para responder esse questionamento, o objetivo geral da pesquisa se configura: **analisar narrativas de mulheres negras do Movimento das Lavadeiras de Salvador entendendo como a memória afetiva pode ressignificar trajetórias subalternizadas, fortalecer grupos socialmente (in)visibilizados e reforçar o papel social dos arquivos.** Esse elo salienta o indivíduo a protagonizar suas lutas, sua identidade assumindo seu valor em recriar cenas informacionais concomitantes com os arquivos. Para atingir nosso principal objetivo utilizaremos os seguintes passos específicos:

- a) Realizar um levantamento referente aos documentos do Movimento das Lavadeiras de Salvador no Centro de Estudos e Ação Social (CEAS);
- b) Selecionar os principais documentos de arquivo que apresentem indícios sobre a memória afetiva das mulheres negras do Movimento das Lavadeiras de Salvador;

- c) Examinar os documentos identificados sob a perspectiva da memória afetiva das mulheres negras do Movimento das Lavadeiras de Salvador;
- d) Verificar como essas mulheres compreendem sua vivência e trajetória no Movimento das Lavadeiras de Salvador atualmente.

A pesquisa se justifica com base em correntes contemporâneas pautadas na luta e visibilidade de grupos vulnerabilizados, postos à margem da sociedade, principalmente mulheres negras. Por isso, entendemos a importância desses estudos, contudo ressaltamos que ainda existem silenciamento de suas histórias.

Já no campo da arquivologia estudos sobre a memória afetiva ainda são incipientes. E fundos arquivísticos que ressaltem trajetórias de mulheres negras, em instituições clássicas a exemplo do Arquivo Nacional (AN) são poucos (como veremos no referencial teórico).

Para isso, o trabalho foi estruturado em 6 (seis) capítulos: No primeiro capítulo “POBRE MARIA, VAI TORCENDO A VIDA” apresentamos a introdução da pesquisa, onde contextualizamos o tema, elencamos as justificativas e motivações (pessoal, científica e social) que nos levaram a construção deste trabalho, discutimos sobre a problemática, mostramos os objetivos (geral e específicos) e, por fim, apresentamos a estrutura do trabalho.

No segundo capítulo “MARIA TEVE UM PESADELO” iniciamos o referencial teórico da pesquisa com a discussão sobre memória e documento, documento de arquivo e memórias afetivas.

Continuando as reflexões teóricas, no terceiro capítulo “MARIA TAMBÉM É MULHER” relatamos e discutimos sobre movimento de mulheres negras, o histórico brasileiro do movimento de mulheres negras, o seu protagonismo e, por fim, chegamos no Movimento das Lavadeiras de Salvador.

O quarto capítulo “A VIDA DE MARIA NÃO É SOPA” apresentamos a teoria e os procedimentos metodológicos da pesquisa, explicamos a natureza da pesquisa de cunho qualitativa, o tipo de pesquisa, descritiva e exploratória, quanto aos objetivos, e documental, quanto as fontes utilizadas. Ainda, justificamos a escolha do método, tendo em vista que também fizemos uso de instrumentos como entrevistas semiestruturadas para coletar as narrativas das mulheres negras, protagonistas da pesquisa.

No quinto capítulo “MARIA ... ESTÁ LAVANDO A VIDA”: Movimento das Lavadeiras de Salvador” detalhamento dos procedimentos de coleta, as fontes e os instrumentos utilizados, a análise dos dados, os resultados da pesquisa e as discussões. Está subdividido em 3 (três) partes: Narrativas Documentais, Narrativas Orais e Discussões sobre Memórias Afetivas, nas quais retomamos os principais pontos levantados nas análises das narrativas documentais e orais e aprofundamos, a partir dos fundamentos teóricos da pesquisa.

E, no sexto e último capítulo “MARIA TEM MUITA ESPERANÇA” mostramos as considerações finais, recapitulando os problemas e objetivos propostos pela pesquisa e suas devidas conclusões e desdobramentos. Refletindo sobre a metodologia utilizada como subsídio para realização dos procedimentos, assim como as expectativas relacionadas a bibliografia utilizada. Ainda, ressaltamos algumas limitações apresentadas no decorrer do estudo, pontos da pesquisa possíveis de serem aprofundados em estudos futuros e considerações sobre o papel social dos arquivos no enfrentamento de práticas silenciadoras, sobretudo para o fortalecimento de grupos socialmente (in)visibilizados.

2 “MARIA TEVE UM PESADELO”: MEMÓRIA E DOCUMENTO

Existem diversos estudos sobre memória, isto porque ela está ligada a inúmeros campos do saber seja filosofia, psicanálise, antropologia, história, sociologia etc. Os conceitos de memória são amplos, assim, neste estudo analisaremos a memória sob os aspectos social e histórico, identificando a memória como a capacidade de fixar, reter, evocar e reconhecer impressões ou acontecimentos passados.

O historiador Jacques Le Goff (1990, p. 250) diz que a memória: “[...] procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. O autor traz uma reflexão sobre os instrumentos historiográficos para análise da História, evidenciando os documentos e incluindo os monumentos como materiais de perpetuação da memória.

Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e a aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção (LE GOFF, 1990, p. 249).

Esta forma de ver a memória coletiva através dos monumentos mostra um olhar mais subjetivo dos historiadores para construir a História. Nesse contexto, o sociólogo Maurice Halbwachs (2006) informa que a memória coletiva está diretamente ligada aos grupos sociais que demonstram interações e percepções de ideais de vida, valores, cultura e representação do indivíduo perante a sociedade.

[...] a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Observando a memória nesse aspecto, Halbwachs (2006) nos dá um breve esboço de uma percepção da seletividade e reflexão da memória individual do sujeito na construção da memória coletiva, porém o indivíduo interioriza essa memória por estar conectado ao grupo, isto é, o convívio social. O sociólogo exterioriza o pensamento na memória individual como:

Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado em geral a pessoa precisa recorrer a lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Contudo, outro sociólogo que contribui para análise das memórias individuais através da subjetividade é Michael Pollak (1992) afirmando que é no indivíduo que se formula uma memória. Esta, por não estar materializada ou são formalizadas de uma forma marginalizada, acaba por ser esquecida ou como ele denomina “memória subterrânea”. Para o autor:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe à ‘Memória oficial’, no caso a memória nacional (POLLAK, 1992, p. 4).

Nessa ótica, as memórias subterrâneas estão diretamente ligadas à memória individual e oralizada, necessitando de uma análise mais refinada. A oralidade das memórias subterrâneas necessita de uma verificação na pluralidade e diversidades de relações sociais, por se tratar da singularidade do ser humano e de sua história de vida.

Acredito que a única coisa que se pode dizer é que existem cronologias plurais, em função do seu modo de construção, no sentido do enquadramento da memória, e também em função de uma vivência diferenciada das realidades. (POLLAK, 1992, p. 10).

O autor demonstra que a história oficial não é homogênea. Alguns historiadores realizam a História através de enquadramento de memórias, visto que, ela foi contada de cima para baixo, excluindo a grande massa. Michael Pollak (1989) relata que a população tem sua história contada do ponto de vista da classe dominante:

Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante (POLLAK, 1989, p. 5).

Esse enquadramento da memória advém da objetividade da análise dos documentos de arquivo, que durante muito tempo foram os únicos instrumentos para estudos historiográficos. Nesse aspecto, Le Goff (1990, p. 289) faz uma crítica a abordagem quantitativa relacionada aos documentos e propõe sua visão sobre os documentos de arquivo:

O novo documento, alargado para além dos textos tradicionais, transformado – sempre que a história quantitativa é possível e pertinente – em dado, deve ser tratado como um documento/monumento. De onde a urgência de elaborar uma nova erudição capaz de transferir este documento/monumento do campo da memória para o da ciência histórica (LE GOFF, 1990, p. 289).

Ao mencionar um “documento alargado”, o autor se refere à subjetividade, principalmente das informações materializadas em história oral, não nos limitando os enquadramentos impostos pela história oficial que possuem verdades parciais. O autor referenda a importância dos documentos, pois “[...] todo o historiador que trate de historiografia ou do mister de historiador recordará que é indispensável o recurso do documento” (LE GOFF, 1990, p. 285).

Os documentos continuam sendo importantes a todas as ciências seja no cunho quantitativo ou qualitativo, fundamental ao registrar as informações, e possibilitando a preservação das memórias, como afirmam as pesquisadoras Dirlene Barros e Dulce Amelia (2009, p. 57):

A partir daí, torna-se evidente que a relação entre memória e arquivo é imprescindível. Aquela tem este último como espinha dorsal. Tudo isso foi possível a partir da necessidade do homem de externar de forma física os pensamentos, quando passou a registrar seus feitos, eternizando informações que entendia como memoráveis.

A importância dos documentos é notória quando tratamos de memórias, pois é deste elo que podemos repassar os conhecimentos a gerações futuras. O Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2006, p. 73) define o “[...] documento é unidade de registro de informações, qualquer que seja o suporte ou formato”. Assim, todo documento contém informações, porém é necessário análise, descrição e interpretação para que os dados ali inseridos sejam disponibilizados de forma eficaz. Se observarmos o conceito de documento, Heloísa Bellotto (2002), em sua obra “Arquivística: objetos, princípios e rumos” revisita algumas correntes, e ao visitar os teóricos Manuel Vazquez (1994) e Elio Lodolini (1995), ela compreende que:

A palavra documento vem do latim, *docere*, que quer dizer ensinar, e de *documentum*, o que ensina. Assim, o documento é um suporte com uma informação, que poderá ensinar algo a alguém. De forma simples, podemos dizer que o ‘documento é uma informação, de qualquer tipo, sobre um suporte de qualquer tipo’, ou, se colocarmos a definição ao contrário, ‘documento é um suporte modificado por uma informação’ (BELLOTTO, 2002, p. 22, grifo da autora).

Estes conceitos de documento nos permitem a reflexão de quem e como essas informações são armazenadas, preservadas e materializadas. O documento é o instrumento chave para materialização das informações como menciona Bernd Frohmann (2006, p. 3):

Mas se 'documento' nomeia a materialidade da informação, e se a materialidade é importante para o entendimento dos aspectos públicos e sociais da informação, então os estudos da documentação tornam-se importantes para os estudos da informação. A documentação se torna o meio de materialização da informação. Estudar a documentação é estudar as conseqüências [sic] e os efeitos da materialidade da informação.

Na abordagem que corresponde à materialização das memórias afetivas, a qual este estudo pretende evidenciar, o documento necessita ser descrito de acordo com seu contexto social, pois busca uma interação e entendimento social, cultural, político e ético, que são significativos ao estudar as narrativas em documentos de arquivo.

2.1 DOCUMENTO DE ARQUIVO

Atendendo o princípio orgânico da Arquivologia, para haver documento de arquivo é necessário que a informação tenha sido produzida no decorrer das atividades de uma instituição, seguindo um fluxo orgânico e suas relações com outros documentos, tanto interno quanto externo. Os documentos de arquivos devem respeitar a estrutura, atividades e funções do organismo (entidade coletiva, pessoa ou família) que os criou. Conforme Heloísa Bellotto (2006, p. 28), entende:

O documento de arquivo só tem sentido se relacionado ao meio que o produziu. Seu conjunto tem de retratar a infraestrutura e as funções do órgão gerador. Reflete, em outras palavras, suas atividades meio, suas atividades fim. Esta é a base da teoria dos fundos. Ela que preside a organização dos arquivos permanentes.

Os arquivos permanentes², como próprio o nome remete, são arquivos de guarda perpétua para questões probatórias históricas e culturais. Para atender as demandas de prova e ser documento arquivístico, se deve basear em quatro princípios da Arquivologia: Autenticidade (verdadeiro, autêntico), naturalidade (os arquivos se acumulam naturalmente), unicidade (único), orgânico (relaciona-se com outros documentos). Na organicidade o documento de arquivo segue um fluxo, que conversa com os demais

² Teoria das três idades refere-se ao ciclo vital dos documentos divididos em: Arquivos Correntes – arquivo funcional, administrativo, jurídico; Arquivos Intermediários – arquivos pouco utilizados, porém com informações necessárias ao produtor; Arquivos Permanentes - arquivos que já ultrapassaram sua utilidade jurídica administrativa são recolhidos para pesquisas históricas.

documentos, e isso só ocorre através do trabalho intelectual do arquivista. Heloísa Bellotto (2006, p. 26), menciona:

No entanto, para que o documento faça seu percurso natural de vida, da administração à história, isto é, da produção e tramitação administrativa à utilização científica e cultural, suas potencialidades devem ser reveladas. Cabe ao arquivista identificar, descrever, resumir e indexar. O historiador saberá selecionar, interpretar e 'explicar'. Entretanto, para que isso se realize, faz-se necessário que o fluxo não seja interrompido (BELLOTTO, 2006, p. 26).

Esses procedimentos de identificar, descrever, resumir e indexar, por vezes, são verificados a partir de métodos padronizados, para gerar instrumentos de pesquisa arquivística, facilitando o acesso à informação aos pesquisadores. As informações de documentos arquivísticos de cunho histórico são produzidas e tramitadas por quem detém conhecimento e Poder. Conforme Michael Pollak (1989), os fatos históricos estão diretamente ligados ao arquivo, na relação de Poder (Estado e Sociedade), ao que devemos guardar ou esquecer. Para o professor e pesquisador José Maria Jardim (1995, p.8)

[...] arquivos de valor histórico, a avaliação de documentos se expressa, na literatura sobre o tema, como um aparato dotado de racionalidade técnica, referido - nem sempre explicitamente - à função política da memória e do patrimônio por parte do Estado.

Na citação acima, podemos evidenciar que a História oficial é descrita, organizada, preservada e disponibilizada por parte do Estado que detém a formulação das políticas de memória do patrimônio sociocultural.

A memória do patrimônio sociocultural que tange a disponibilização das informações, nos documentos de arquivo permanentes, está ancorada em técnicas arquivísticas para servir a História e preservação da memória social. Para Heloísa Bellotto (2002, p. 20), as funções arquivísticas possibilitam:

[...] dar acesso às informações contidas nos documentos que ele custodia - são no que toca a parte técnica: registrar, classificar, avaliar, eliminar (quando chegada à data estabelecida pela avaliação), descrever, dar à consulta e divulgar (no caso dos arquivos históricos) seus documentos. Quanto a função cidadã, social e científica, cabe aos arquivos preservar a memória social, atender aos direitos dos cidadãos, facilitar a investigação histórica. Em tudo isso, há uma enorme carga de responsabilidade, por parte dos arquivistas, seja como cidadãos, seja como profissionais (BELLOTTO, 2002, p. 20).

O profissional arquivista necessita estar atento às transformações que as informações nos documentos de arquivo transmitem, pois "o documento é um sinal, um

significante, uma construção mediada e em constante mudança, não um receptáculo vazio no qual atos e fatos são derramados” (COOK, 2012, p. 131).

Terry Cook (2012) reflete sobre uma abordagem baseada no papel social dos arquivos para além da construção histórica, cultural, política e social das sociedades. O autor também fala sobre as mudanças pragmáticas de práticas arquivísticas já consolidadas. Mudanças essas que dependem do profissional em si, na avaliação e descrição dos documentos de arquivo, para construção de uma memória social diversificada.

Entende-se como pertencente à memória social diversificada os múltiplos grupos sociais, suas interações com outros grupos e suas singularidades nos diferentes nichos de memórias: coletiva, individual e afetiva, a qual estudaremos no capítulo posterior.

2.2 MEMÓRIAS AFETIVAS

Após discorrer sobre o que é memória e sua importância para a Arquivologia, ponderaremos duas correntes da Psicologia para analisarmos o que é memória afetiva. Para a psicologia, ao conceituar afetividade e afeto existem duas vertentes: uma que defende a cognição como princípio base e outra na teoria social-construtivista. Fausto Pinto (2004, 2005) menciona que ambas estão entrelaçadas e não são excludentes necessitando caminharem juntas “[...] em diálogo dinâmico no psiquismo, bastando-se lembrar que elas possuem dimensões psíquicas de características particulares” (PINTO, 2005, p. 4).

As particularidades mencionadas são decorrentes de dois campos da psicologia. Do ponto de vista cognitivo, a crença de que as emoções são baseadas na avaliação de eventos ou no significado cognitivo do indivíduo, já do ponto de vista construtivista social salienta que as emoções dependem da cultura ou das regras de cada grupo social.

Em cada experiência, o ser humano é cognitivo-afetivo ao mesmo tempo, estando em proporções variáveis ‘mais’ afetivo ou ‘mais’ cognitivo, ou quem sabe ambas as duas somadas. Ou seja, sendo inseparáveis (PINTO, 2004, p. 109).

O autor relaciona os dois conceitos: social - construtivista e o cognitivista para explicar que afetividade está em ambos. As experiências dos seres humanos são

construídas com interações sociais, porém, é no indivíduo dotado de emoção que vai se construindo o afeto e conseqüentemente suas memórias.

Ao falarmos de memórias afetivas estamos falando de histórias de vidas, lembranças, emoções e de memórias individuais. Memórias carregadas de afeto, pertencimento identitário do indivíduo ou grupo social ao qual o sujeito está inserido. Pierre Nora (1993) colabora com afirmação de Pinto (2004) entrando no campo da memória afetiva:

[...] A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado (NORA, 1993, p. 9).

Na citação acima, Pierre Nora (1993) nos remete à construção social dos indivíduos e da sociedade, quando menciona a interação dos grupos sociais e a cognição através do diálogo entre lembrança e esquecimento. Ao refletir sobre memória colabora com pensamento que traçamos nesta seção, princípios da Sociologia e História contemporâneas, onde é possível compreender a representação do passado através das memórias, e ainda como as memórias afetivas podem contribuir para uma construção identitária.

A construção da identidade sobre os aspectos subjetivos da Sociologia e Psicologia caminham juntas, pois relatam que interações sociais como uma normatização dos valores dependente do tempo espaço e época que ocorre. Sônia Oliveira afirma que:

A construção da Identidade é um processo muito complexo, que ocorre entre diferentes níveis, se processa nos planos sexual, social, profissional, entre outros, a partir de identificações. No plano social, os valores culturais se formam através de normas, hábitos, leis e preconceitos e são fatores determinantes na construção da Identidade (OLIVEIRA, 1996, p. 32).

As identificações ressaltadas pela autora nos diversos planos também se alinham com os aspectos objetivos pragmáticos a imposição das normas e leis, mas necessário ao indivíduo na sua singularidade e cognição ter a percepção de si no convívio social através das lembranças, memórias afetivas para identificar como pertencente ao grupo social. Michael Pollak (1992, p. 5) afirma:

Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e

a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 5).

A percepção de si no contexto dos fatos sociais, já relacionando ao MLS direciona enredos de vidas que se cruzam, carregada de memórias afetivas. O indivíduo, no caso as lavadeiras, construiu o que lhe representa através de seu juízo de valor e dos demais, através de suas próprias narrativas onde “não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas” (POLLAK, 1992 p. 2). Necessário escutar as narrativas desse grupo de mulheres.

Michel Pollak (1992) e Eclea Bosi (1994), ambos em suas áreas de estudos, analisam a subjetividade nas narrativas de grupos subalternizados ao dar voz a essas memórias subterrâneas através do registro da história oral.

Ao falarmos de narrativas exprimimos sobre a ótica da história oral. Para Margaret Hedstrom (2000, p. 244)

O uso de memórias, história oral, testemunho e demais traços de memórias como prova de regimes repressores, mudanças sociais abruptas e eventos traumáticos tornam-se ainda mais complexo, porque, em muitos casos, as provas documentais foram distorcidas, classificadas como confidenciais ou destruídas, deixando as testemunhas e relatos pessoais como únicas fontes de alternativas, nas buscas por revelar o que porventura tenha ocorrido.

O registro de relatos pessoais pela técnica de historiografia da oralidade é rico de afetividade. O indivíduo narra suas histórias de vida tendo a percepção de si e identidade no sentimento de pertencimento na construção da memória social. Seus costumes e lembranças são repassados de gerações em gerações perpetuando uma consciência de identidade e classe.

No caso específico deste estudo sobre MLS, compreendemos não somente a consciência de classe, como classe social e trabalhadora, mas também a distinção de gênero e étnico-racial. Mulheres negras enfrentando o sexismo, racismo e a polarização da formação dos movimentos operários da época em torno dos profissionais e sindicatos das indústrias, a exemplo da metalúrgica, petroquímica e construção civil.

Nesse sentido, a cognição é entendida como reconhecimento de si junto à comunidade, atrelada ao construtivismo social, isto é, o coletivo agente de memórias tecendo lembranças e afetos, em uma luta por sobrevivência, direitos, cidadania pela sua imagem, cultura, história e crenças.

3 “MARIA TAMBÉM É MULHER”: MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS

Como abordado na introdução, o campo da arquivologia que informem e estudem arquivos que ressaltem trajetória de coletivos de mulheres negras, em instituições clássicas a exemplo do Arquivo Nacional (AN) são ínfimos. Em uma análise empírica dos instrumentos de pesquisa on-line do AN, de quarenta e oito fundos organizados apenas um (1) é mencionado. No entanto, ainda não está classificado e se refere sobre protagonismo único de Maria Beatriz Nascimento (1942-1995), mulher negra, nordestina, quilombola, urbana contemporânea, historiadora, poeta, ativista e pensadora brasileira.

Assim, neste capítulo abordamos a trajetória do movimento das mulheres negras, que desde a época da escravatura desempenharam importante papel para abolição, e com suas diversas habilidades buscavam melhores condições de vida, “[...] aquela que aceitava passivamente sua sina de escrava [escravizada] era exceção, não a regra”, como assinala Angela Davis (2016, p. 31).

Recuperando essa história, o trabalho escravo não era distinto de homens e mulheres, eles trabalhavam iguais seja na lavoura ou nos afazeres domésticos. No entanto, os castigos impostos às mulheres eram por vezes mais cruéis e desumanos. A luta e resistência para uma vida mais digna eram diárias ao sistema brutal e opressor. Angela Davis (2016, p. 34)

Em muitos casos, a resistência envolvia ações mais sutis, do que revoltas, fugas e sabotagens. Incluía, por exemplo, aprender a ler e escrever de forma clandestina, bem como transmissão desses conhecimentos aos demais.

A importância de saber ler, escrever, deter e repassar as informações eram conspiratórias, no sentido de agilizar seus companheiros nas articulações das fugas, “[...] muitas delas escreveram as próprias licenças de viagem, e tomaram rumo à liberdade” (DAVIS, 2016, p. 34). A autora descreve que nesse sentido eram elas em sua grande maioria que se movimentavam, e defendiam seus companheiros, filhos do sistema escravista.

Angela Davis (2016) informa que no mesmo período as mulheres brancas se sentiam inconformadas com a submissão que o matrimônio as impunha e comparava por vezes à escravidão. Assim, “[...] as mulheres brancas - tanto as donas de casa como as

trabalhadoras - foram ativamente atraídas para o movimento abolicionista.” (DAVIS, 2016, p. 47).

De acordo com tais afirmações, o movimento abolicionista ganha forças, unindo a luta de opressão as mulheres brancas e o combate a escravidão. Para Angela Davis (2016, p. 52, grifo da autora), “Sim, as mulheres brancas podiam ser instadas a defender intensamente seus direitos *enquanto mulheres* a fim de lutar pela emancipação do povo negro.”

As mulheres brancas reivindicavam e questionavam sua posição social frente a problemas de sexismo na educação, trabalho e presença na esfera política. Em contraponto, Angela Davis (2016, p. 85) infere:

A suposição de que a emancipação tornava os ex-escravos [escravizados] iguais às mulheres brancas – sendo que os dois grupos precisavam conquistar o voto para completar sua igualdade social- ignorava a total precariedade da recém-conquistada ‘liberdade’ da população negra após a Guerra Civil. Embora as correntes da escravidão tivessem sido rompidas, a população negra ainda sofria dores da privação econômica e enfrentava a violência terrorista de gangues racistas, cuja intensidade não se comparava nem mesmo a escravidão.

As especificidades nas lutas eram distintas apesar de ambas se assemelharem na tentativa de combater o sistema opressor. Mas esses primeiros passos foram importantes para início dos movimentos negros, e principalmente do feminino negro, princípio ao qual este trabalho se debruça.

O início do movimento das mulheres negras no Brasil foi semelhante, apoiando o processo abolicionista, como estudaremos na próxima subseção.

3.1 HISTÓRICO BRASILEIRO DO MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS

Os registros datados a época anterior à chegada da família real são escassos, porém pautam a desobediência das pessoas escravizadas, em um encaminhamento ao movimento abolicionista. O processo abolicionista ocasionou uma série de rupturas na sociedade, com grande participação das mulheres escravizadas, instaurando assim uma semelhança com o movimento antiescravagista dos Estados Unidos.

O movimento de mulheres negras no Brasil também se desdobrou com início do processo abolicionista, pois “[...] as mulheres lutaram para manter-se dignas dentro de

uma instituição que lhes tolham parte de sua vivência” relata Lucia Helena Oliveira Silva (1993, p. 25).

A autora Lucia Helena Oliveira Silva (1993, p. 34) busca entender a luta das mulheres negras pela liberdade através de registros judiciais em meados de 1800, ela relata:

As muitas experiências com trabalhos livres de imigrantes, trouxeram muitos trabalhadores europeus, mas a mão-de-obra predominante. No centro urbano, o uso de mão de obra feminina em especial passou a ter muita procura. Havia escravas [escravizadas] ocupando todo o espaço doméstico trabalhando como cozinheiras, babás, engomadeiras, quituteiras, também nas ruas como vendedoras ambulantes e prestando serviços por aluguel.

Os serviços de aluguel descritos e encontrados em alguns jornais e registros de época são os trabalhos de ganho, incluindo os da lavagem de roupas que as mulheres negras livres ou escravizadas executavam para sua sobrevivência.

As mulheres escravizadas desempenhavam um papel de certa confiança, dividindo os ganhos com seus proprietários. “Contudo não era tarefa fácil a escrava [escravizada] pagar a diária ou semana do senhor e ao mesmo tempo poupar” afirma Cecilia Moreira Soares (1996, p. 57)

Já as mulheres negras libertas utilizavam e detinham todo o valor da venda para si. Era uma das formas de tentar a libertação de seus companheiros e filhos, ou ajudar complementar a causa abolicionista, pois “[...] apesar dessa diferença desempenhavam a mesma função social que as escravas [escravizadas]” cita Cecilia Moreira Soares (1996, p. 59).

Da mesma forma, desempenhavam a função social de serviçal à sociedade escravagista, mas a perseverança e resistência ao sistema escravocrata da época desenrolou-se de diversas maneiras. O comércio de ganho foi notório, pois como relata Lucia Helena Oliveira Silva (1993, p. 34), “com sua grande mobilidade pelo meio urbano, a escrava [escravizadas] ou liberta empregavam-se facilmente [...]” transitando em diversas feiras e pontos da cidade, levando e trazendo informações importantes ao movimento abolicionista.

O ofício de ganho das mulheres negras preocupava o controle do Estado, que as via como ameaça à ordem pública, “[...] vistas como elementos perigosos, pela liberdade de circulação que tinham através das lavras, possivelmente contrabandeando ouro e acoitando negros fugidos”, relata Cecilia Moreira Soares (1993, p. 65).

Estas articulações pré-abolicionistas demonstram que o movimento das mulheres negras brasileiras advém do período escravocrata. E assim como a abolição dos Estados Unidos, Angela Davis (2016) informa que a luta da mulher negra tem suas especificidades, pois além do sexismo, tem que combater o racismo.

3.2 O PROTAGONISMO DE MULHERES NEGRAS

De um sistema escravocrata a uma consciência de classe trabalhadora as mulheres negras, ainda atualmente, nascem marcadas pelo subjugo da cor da sua pele. A escravidão acabou, mas o sistema escravagista se mantém de outras formas e o enfrentamento ao sexismo e racismo é diário. Sueli Carneiro (2011, online) afirma:

O que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituída no período da escravidão. As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras.

A autora Sueli Carneiro (2011) em seu artigo - Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero- corrobora com Angela Davis (2016), informando das especificidades de luta da mulher negra, nas desigualdades da sociedade machista e racista, e a busca por alternativas para superar e adquirir uma identidade pautada em princípios do feminismo negro.

O protagonismo do feminismo negro ganhou notoriedade na década de setenta (1970) a partir da explosão dos movimentos populares sociais, “sendo responsável pelo resgate conceitual e ressignificação do empoderamento”, afirma Joice Berth (2018, p. 103).

Joice Berth (2018) descreve que ressignificação teórica da terminologia do empoderamento já havia sido assimilado pelos movimentos de mulheres negras, seja consciente ou inconscientemente sobre as condições de resistência e sobrevivência. Essa autora afirma que:

Ainda que as teorias tenham nascidos das mãos de homens brancos, foram as práticas interseccionais que cunharam de forma irreversível, esse conceito no

roll de ações e estratégias de luta de todos os movimentos por emancipação e libertação sociopolítica. Muito antes de sermos feministas e nos posicionarmos nessa trincheira de luta por ajustes sociais, que não é a única já praticávamos intuitivamente o conceito de empoderamento, aplicando em nossas vidas e na vida estratégias de fortalecimento de autoestima e de reconhecimento de nossos potenciais (BERTH, 2018, p. 104).

Reconhecer seu potencial, seu papel na sociedade, seus direitos cidadãos, como sujeito político transformador atraindo engajamento de novos indivíduos, através do coletivo é evidente, como demonstrado no capítulo anterior que essa luta sempre esteve latente. Lélia Gonzalez uma ativista negra, discorria desse pensamento, tanto que contribui para formação do Movimento do Negro Unificado Contra Discriminação Racial (MNUCDR) posteriormente simplificado para Movimento Negro Unificado (MNU).

O MNU “[...] foi criado para ser um instrumento de luta da comunidade negra”. Lélia Gonzalez (1982, p. 49). No Livro Lugar de Negro, de 1982, a autora salienta a existência de outros grupos, mas dá ênfase ao MNU, pois tratava o racismo estrutural de forma contundente, pautando a consciência do coletivo negro na transformação da sociedade.

Explicitamos aqui o MNU, pois foi um marco importante nas reivindicações de forma política da comunidade negra, ampliando, inspirando as discussões de diversos grupos negros e fortalecendo grupos já existentes.

Na formação do MNU, Lélia Gonzalez (2020) observa as especificidades das mulheres negras, na elaboração carta de princípios do MNU, apenas dois pontos ressaltam as individualidades da mulher negra: a) exploração sexual, social e econômica da mulher negra, e, b) abandono e maus tratos dos menores, que em sua maioria, vivem e trabalham com as mães. A autora pontua:

E é precisamente no popular que encontramos maior participação de mulheres afro-americanas e ameríndias que, preocupadas com o problema de sobrevivência familiar, procuram se organizar coletivamente; por outro lado, sua presença sobretudo no mercado informal de trabalho as remete a novas demandas. Dada a sua posição social, articulada com discriminação racial e sexual, são elas que sofrem mais brutalmente os efeitos da crise (GONZALEZ (2020, p. 133).

Essa afirmação propicia a discussão que a autora denomina de capitalismo patriarcal racista. Afinal, “nossos parceiros de movimento reproduzem as práticas sexistas do patriarcado dominante e tentam nos excluir da esfera de decisão do movimento” (GONZALEZ, 2020, p. 134).

Esta crítica a grupo hegemônico opressor e a uma exploração econômica das mulheres negras e indígenas, salienta as especificidades para um movimento feminino afroamericano, que posteriormente ela denomina de amefricanidade para ressaltar os problemas vividos por mulheres negras e indígenas, latino-americanas.

Ressaltamos o protagonismo de Lélia Gonzalez, devido sua visão de diversidade e pluralidade no entendimento de consciência para uma democracia mais justa e igualitária. Buscando diálogo no meio político, a qual teve papel importante na redemocratização do país. Em seu discurso na Assembleia Nacional Constituinte de 1987, por exemplo, a autora propõe sugestões que posteriormente são incluídas no texto final da Constituição Brasileira de 1988, afirmando que:

1º: Ninguém será prejudicado ou privilegiado, em razão de nascimento, raça, cor, sexo, estado civil, trabalho rural ou urbano, religião, orientação sexual, convicções políticas ou filosóficas, de deficiência física ou mental, e qualquer particularidade.

2º: O poder público, mediante programas específicos, promoverá igualdade social, política, econômica e social.

3º: Não constitui discriminação ou privilégio a aplicação de medidas compensatórias, visando a implementação do princípio constitucional da isonomia a pessoas pertencentes a grupos historicamente discriminados (GONZALEZ, 2020, p. 242).

Assim, registra-se o marco histórico para os movimentos negros e movimentos feministas negros. Servindo de baliza e esperança a comunidades subalternizadas, pois a briga por direitos já estava institucionalizada, agora era lutar para o fortalecimento dessa mudança em um sistema culturalmente racista, capitalista, patriarcal e opressor.

3.3 MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS DE SALVADOR

Historicamente, a cidade de Salvador tem sido palco dos acontecimentos da industrialização, modernização, urbanização e do crescimento desigual que o modo de vida imposto às classes mais populares vem enfrentando. As antigas ocupações laborais e as novas formas do mundo do trabalho caminharam em direções diferentes, fruto de processos socioculturais contraditórios e excludentes, mas coexistentes.

Nesse contexto aparece a profissão de lavadeira, como um prolongamento das tarefas das mulheres escravizadas de ganho ou ganhadeiras do Brasil colonial e imperial. As precárias condições de trabalho das lavadeiras apontam indícios da continuação

desse labor que era desenvolvido pelas mulheres escravizadas em diversos lugares da cidade e do país, assim relatam Francisco Antônio Zorzo, Leda Maria Fonseca Bazzo e Lucian Conceição de Alcântara (2015) em artigo publicado, fruto do Projeto de Extensão UFBA “Lavanderia coletiva no Alto das Pombas – memória, saúde e empoderamento”.

Nesse sentido, o MLS foi um movimento de mulheres negras em busca de melhores condições de vida e reconhecimento do seu ofício. Ilse Scherer-Warren (1993, p. 24) nos ensina que “a composição Social de um movimento é, por certo, especificamente de classe [...]” por isso popular, não necessariamente organizações políticas partidárias institucionalizadas. A autora denomina os movimentos sociais do final dos anos 1970 como os “novos movimentos”, tais fatos foram denominados de diversos desígnios: novos movimentos de protesto, novo populismo, neorromantismo, antipolítica, política desordenada, novas experiências participativas, nova política.

O MLS, assim como outros movimentos populares, ganhou características novas: “[...] reconhecimento do povo (num sentido mais abrangente do que classe operária)”. Scherer-Warren (1993, p. 39) enfatiza sobre uma consciência política transformadora na construção da sociedade. Este sentido abrangente sobrepõe a opressão do capitalismo à classe trabalhadora, as reivindicações no sentido amplo de cidadania, melhor qualidade de vida, relações intrínsecas com machismo e racismo.

Nesse sentido, o MLS ganhou imensa proporção, atingindo a região metropolitana e alguns municípios do interior do Estado da Bahia, após constituir a Associação das Lavadeiras da Região metropolitana de Salvador (ALARMES) iniciada na década de 1980 (oitenta), tendo como prova documental a ata da primeira assembleia, conforme disposto no Trabalho de Conclusão de Curso de Edméia Vianna (2020, p. 54).

Ao analisarmos o MLS verificaremos sobre dois aspectos o político na constituição administrativa com os documentos, e a contextualização histórica das próprias narrativas dessas mulheres que participaram do movimento ao qual relatam “só agora que apresentei a tabela é que querem provar que sou lavadeira” (CADERNO DO CEAS, 1988, p. 29), retomaremos esta fala no capítulo das discussões.

Na esfera política administrativa, recuperamos a prova documental da primeira assembleia e criação da ALARMES com início na década de 1980 (oitenta). Conforme evidenciado na subseção 3.1 deste trabalho, mesmo ressaltando que a atividade de lavar

roupas existisse desde a época da escravidão com as mulheres negras escravizadas ou ex-escravizadas de ganho.

Nesse contexto, as lavadeiras exercem sua atividade laboral com marcas sociais e resquícios da escravidão. Mulheres na sua grande maioria afrodescendentes analfabetas ou semianalfabetas, vivendo na capital, porém em zonas periféricas da cidade, em invasões de terrenos de domínio da prefeitura.

Há muita migração interna dentro de Salvador. O pessoal vai de uma favela para outra, a família invade uma favela, constrói um barraco, logo vende o barraco como meio de sobrevivência e vai ocupar outra área (CADERNO DO CEAS, 1988, p. 11)

Historicamente população de atividades subalternizadas vivia nas favelas, em condições subumanas. “A maioria vem do interior, vai para favela e não sai de casa nem para trabalhar” (CADERNO DO CEAS, 1988, p. 11). Algumas vieram do interior outras, porém foram impostas a sair da vista da metrópole, que estava em ascensão econômica.

A capital Salvador na década de 1970, como outras capitais têm um crescimento demográfico, assim como em outras capitais na década de 1970 ancorados na industrialização dos processos e vivenciando um sistema político ditatorial.

A insatisfação com poder do Estado acentua-se, em 1971 ocorre fortes chuvas e alagamentos na cidade de Salvador, ocasionando muitas mortes da população que sobreviviam nas favelas, muitas lavadeiras e suas famílias foram fortemente atingidas. Muitas lavadeiras viviam a beira de rios, riachos e córregos para facilitar a lavagem das roupas, visto que as casas não possuíam água encanada.

As populações subalternizadas movimentavam-se e reivindicavam, porém, cada comunidade em seus bairros e por vezes ameaçados, sofrendo agressões por parte da força policial. As reivindicações não eram organizadas, havia a repressão do Estado, e muitos eram acolhidos pela comunidade católica local.

Com inúmeros descontentamentos ao governo os movimentos populares adquirem forças no final de 1970, que alguns historiadores chamam de redemocratização. E com eles surgem as instituições que institucionalizam as reivindicações do povo: os sindicatos, associações e partidos. Nesse sentido observa-se uma movimentação para articular essas mulheres que vinham desempenhando atividades acerca da profissão de Lavadeiras.

A discussão e criação da ALARMES foi fundamental para articulações do MLS. Mesmo sem registro efetivo, a ALARMES produziu um quantitativo documental rico. Edméia Viana (2020, p. 50) relata:

O Plano de arquivamento da documentação das lavadeiras de (1983-1994) se dava da seguinte forma: Por grupos de lavadeiras; representantes; agentes; assembleias e passeatas; relação de lavadeiras e grupos; recortes de jornais; boletins; impressos em geral; cânticos, poemas e orações; tabelas; A fala das lavadeiras; documentos pessoais; questões legais; articulações; contabilidade da ARLARMES; fotografias; diversos.

Ressaltamos que a ALARMES foi institucionalizada em meados de 1988, no entanto, o Jornal ALARMES já apresentava e disseminava informações como tabela das lavadeiras e faxineiras, que foram documentos constantemente distribuídos e discutidos nas reuniões desde 1983.

Conforme José Antonio Pechia jesuíta e assessor do CEAS, em conversa gravada em 1988, relata que a iniciativa de organização partiu das próprias lavadeiras no Bairro Bariri na área Suburbana de Salvador, através dos agentes da pastoral católica que trabalhavam na região. E só algum depois a ALARMES foi de fato registrada em assembleia, devido a adesão de algumas cidades das regiões metropolitana.

O Jornal ALARMES foi instrumento necessário com informações do cotidiano, chamada para assembleia, atos, festas, receitas, as imagens sempre didáticas representativas do dia a dia das lavadeiras.

Em cada assembleia, em cada reunião de representantes, aparecem não sei quantas poesias para saírem no jornalzinho. Tem várias poesias na lista de espera! As lavadeiras gostam de ver publicadas coisas que elas mesmas fizeram. Às vezes não são nem elas que fazem, mandam fazer por algum vizinho ou amigo e enviam para ALARMES (CADERNO DO CEAS, 1988, p. 31).

Esta citação nos evidencia três situações, a disseminação da informação, a identidade do coletivo em ser protagonizado na sua própria história e o construtivismo social, através da ajuda de terceiros em prol da causa. A seguir observamos um exemplar do jornal por meio da imagem 1.

Imagem 1 – Exemplar jornal ALARMES

SÃO JOÃO DAS LAVADEIRAS

Nós lavadeiras do bairro D. Avelar e Vila Canária, no dia 18 de junho festejamos o São João. Para se tornar mais animado, convidamos outras pessoas; os homens também participaram: fizemos o casamento na roca, amiga secreta, sorteio e outras recreações engraçadas; além disto teve uma mesa de comidas juninas: milho, bolo, canjica, salgadinhos, licor e amendoim. Por que não dizer que o forró durou até meia noite? Lavadeira é isso aí.



Um grupo de lavadeiras de Pernambuco, pensando na caixa comum, no dia de São João da comunidade, colocou bolo e amendoim para vender, como primeira experiência para animar outras iniciativas. Este mesmo grupo está apoiando a reivindicação à CODESAL de um paredão que pode desabar e atingir várias famílias, inclusive uma lavadeira.

ALARMES
ASSOCIAÇÃO DE LAVADEIRAS DA REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR
A VOZ DA LAVADEIRA N.3 JULHO 1987

ABAIXO ASSINADO AO MINISTRO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL

Lavadeiras lutam para pagar 3% à Previdência
A TARDE 24/4/87

As lavadeiras da Região Metropolitana de Salvador querem suas prelembres incluídas no projeto de lei que estabelece em 3% o valor da contribuição dos trabalhadores que ganham um salário mínimo para a Previdência Social. No último dia 14, realizaram assembleia geral, onde foi aprovado um documento, que será enviado ao órgão, relatando as dificuldades que atravessam e propondo a adoção da medida, que lhes asseguraria a assistência médica e a aposentadoria na velhice.

Elas argumentam que apesar de não receberem sequer um salário mínimo mensal, têm que pagar à Previdência como autônomas, ou seja, o dobro do que normalmente é pago pelos assalariados. Isso porque sua profissão não é reconhecida pelo Ministério do Trabalho, o que lhes impede de possuir carteira assinada. "Nosso salário não é fixo, e facilmente perdemos a lavagem de roupa. Imagine que lavamos seis touças de roupa por semana e não chegamos a ganhar um salário mínimo. Como pagar o INPS?", questionam.

"Não estamos pedindo esmolas. Queremos pagar o INPS, mas uma quantia que nos dê condição para termos direito aos benefícios. Lavamos há muito tempo, criamos os filhos batendo barra. Não aguentamos mais. A mão vai ficando dura, cheia de urticaria. O peso que pagamos dá dor na cabeça e na coluna. A frieza que a gente paga na barriga e nos pés, lavado na bacia, nos faz adoecer facilmente, pois não nos alimentamos direito", desabata uma lavadeira.

A TABELA E AS PATROAS

A patroa assim falou para Marlene:
"Pode trazer a tabela, que gosto de fazer justiça. Não gosto que tirem do meu e também não gosto de tirar do outro".



"A minha patroa pegou a tabela, olhou, virou, revirou e ficou calada. Eu disse: Não é para ler e ficar calada, eu quero uma resposta" (Creuza).



ASSOCIAÇÕES DE LAVADEIRAS

Existe uma Associação de Lavadeiras no Engenho Velho de Brotas., chamada "Santa Luzia", onde as lavadeiras podem fazer sua carteirinha para ter assistência médica.

E a nossa Associação - ALARMES, o que faz? Ela é um instrumento de força e de luta para as lavadeiras, unidas e organizadas, conquistarem seus direitos.

AS LAVADEIRAS COBRAM PELA TABELA

"Levei a tabela para a branca e ela só me aumentou 30,00 cruzados e ainda vem roupa de goma do exército. Aí mostrei a conta de água e de luz para ela e disse: Não está vendo a inflação que está aí? Depois da inflação, nunca comi direito" (Iraíldes).

"Como é que não pode pagar a lavadeira e depois bota telefone em casa e fica telefonando a toda hora?" (Antonia)

"Branca na hora de ir pra praia nada é caro, agora pra lavadeira, tudo está congelado" (Maria José).

ATENDIMENTO NA SÉ

Na reunião das coordenadoras no dia 7 de julho, foi decidido que a partir do dia 10 de agosto haverá um atendimento toda segunda-feira, das 14 às 16 horas, para as lavadeiras que querem alguma informação sobre Associação, a tabela, as reuniões e tudo que é da luta das lavadeiras.

As patroas que quiserem informação também devem ir lá.

LOCAL: Palácio da SÉ, Praça da SÉ, nº1
2º andar. Telefone: 243-5411.

Fonte: Acervo da CAMPO, documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras (ALARMES) (1983–2002).

O jornal continha figuras emblemáticas do cotidiano das lavadeiras, o que configura um instrumento de poder informacional para construção da luta coletiva do movimento. O próprio nome ALARMES, subliminarmente traz a questão de alarmar, protestar, chamando atenção mesmo da sociedade de modo geral. A questão do MLS versus o Jornal versus a institucionalização da associação será melhor explanada no capítulo 5 (cinco), que focara nós resultados da pesquisa.

4 “A VIDA DE MARIA NÃO É SOPA”: METODOLOGIA

A proposta de compreender a memória afetiva na construção do MLS sob a égide dos documentos de arquivo está fundamentada inicialmente em dois aspectos, de um lado a análise da realidade histórico-social referente ao acervo documental das Lavadeiras no período abrangente a construção da ALARMES, e de outro lado a compreensão das narrativas a partir de princípios da arquivologia quanto as noções documento de arquivo e memória.

Quanto à natureza da pesquisa, esta é de cunho qualitativo, pois, conforme Fábio Appolinário, (2004, p. 151) informa, a pesquisa qualitativa “lida com fenômenos: prevê a análise hermenêutica dos dados coletados”. Isto é, extrair do discurso apresentado pelas Lavadeiras os dados com aspectos de memória afetiva a serem averiguados.

Quanto aos objetivos, classificamos a pesquisa como exploratória, conforme Gil (2002, p. 41) informa:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Estudos de memória afetiva em arquivologia são exíguos, na busca de conteúdo pelo Portal de Periódicos da Capes, Google Acadêmico e Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (IBICT), foram utilizados termos como: “memória afetiva * E arquivologia”, “arquivo E memória afetiva”, “documento E memória afetiva” e “memória E arquivo”, necessitando fazer uma análise conceitual em psicologia para definição de memória afetiva.

A pesquisa também tem caráter descritivo, pois “[...] têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população”, aponta Gil (2002, p. 42).

Quanto aos procedimentos, a caracterizamos como documental, pois utilizaremos o fundo arquivístico da ALARMES, custodiado no CEAS. Para Gil (2002, p. 46), essa pesquisa “[...] é muito comum em estudos que buscam explorar informações em documentos públicos, presentes em bibliotecas ou arquivos, além de cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins, etc.”

Logo, o campo da pesquisa, como já mencionado, é o Movimento das Lavadeiras de Salvador, criado no final dos anos 1970 início de 1980, composto por mulheres negras, algumas mulheres brancas e homens, das camadas mais vulnerabilizadas da população.

O objeto da pesquisa são as narrativas de mulheres negras do Movimento das Lavadeiras de Salvador, entendendo como estas, tanto as que fazem parte do conjunto documental armazenada no CEAS, em um dos fundos da Casa da Memória Popular (CAMPO) e as coletadas atualmente por meio da pesquisa de campo, que descreveremos a seguir.

O recorte temporal do fundo da MLS é impreciso, estima-se que a acumulação do mesmo primeiro veio da relatoria dos assessores jesuítas que trabalhavam na Pastoral Operária³, ao qual data-se início da década de 1970. Para esta pesquisa, foram analisados recortes de jornais e outras tipologias documentais datadas de 1974, 1977 e de 1983 a 2002.

Para organização da coleta de dados utilizou-se de dois instrumentos fundamentais:

- a) Um quadro para organização dos dados documentais do CEAS: vivência; dificuldades; lembranças, MLS características. E um quadro propõe organizar os discursos de afetividade e lembranças do MLS e seus desdobramentos.
- b) Roteiro de entrevista semiestruturada: com finalidade de evidenciar as memórias afetivas (lembranças) das mulheres negras protagonistas do MLS (Apêndice A). Segundo Cecília Minayo (2005), na entrevista semiestruturada o(a) sujeito(a) tem uma participação ativa e a pessoa pesquisadora pode fazer perguntas adicionais para esclarecer questões que visem uma melhor compreensão do objeto de análise.

As sujeitas participantes desta pesquisa foram 2 (duas)entrevistadas: 1 (uma) vivenciou o MLS ativamente, e a outra com participação menos atuante. Após realizadas e transcritas, a etapa seguinte foi a estruturação dos dados informacionais levantados nas entrevistas, utilizando os mesmos tópicos do quadro de avaliação documental: (vivência; dificuldades; lembranças, MLS características).

³ A Pastoral Operária – foi promovida pela igreja católica no sentido de estudar a situação social de setores populares do campo e da cidade, articulada pelos bispos e padres progressistas da época.

Por fim, para análise dos discursos encontrados nos documentos de arquivo do MLS e nas entrevistas, utilizamos a perspectiva interpretativista (DENZIN, LINCOLN, 2006), inerente à pesquisa qualitativa, tendo como fundamentos o referencial teórico da pesquisa sobre memória afetiva, mulheres negras, protagonismo e movimento de lavadeiras de salvador.

Entendemos que as experiências de vida quanto a afetividades das mulheres negras do MLS são contextualizadas com momento histórico e sociopolítico da época, também fazemos uso, nesta pesquisa, de alguns princípios do método historiográfico, por compreender que este possibilita novas reconstruções da realidade a partir da interlocução da pessoa que a significa. Ou seja, construções narrativas dos resultados da pesquisa, realizada a partir da investigação empírica e de crítica documental. Pois assim, a historiografia, proposta por Walter Benjamin (1986), a humanidade pertence à história e a história pertence à humanidade, e, é a humanidade quem julga a história, não o contrário.

Em seguida, no próximo capítulo vamos apresentar e discutir os resultados e análises da pesquisa.

5 “MARIA ... ESTÁ LAVANDO A VIDA”: MOVIMENTO DAS LAVADEIRAS DE SALVADOR

As memórias afetivas das mulheres negras do Movimento das Lavadeiras de Salvador serão analisadas e entendidas a partir do esforço teórico e metodológico que construímos até aqui. Assim, neste capítulo apresentaremos o detalhamento dos procedimentos de coleta, as fontes e os instrumentos utilizados, a análise dos dados, os resultados da pesquisa e discussões sobre essas mulheres que há muito lutam por dignidade e direitos.

No item 5.1 “Narrativas Documentais” trabalhamos com o objetivo específico “examinar os documentos identificados sob a perspectiva da memória afetiva das mulheres negras do Movimento das Lavadeiras de Salvador”. Para isso, selecionamos trechos das narrativas dos discursos proferidos para entrevistas no Caderno do CEAS (1988) e Boletins ALARMES de novembro de 1985, junho de 1987 e maio também de 1987. Em seguida, sintetizamos e organizamos os dados selecionados em um quadro com as principais informações dos relatos extraídos dos documentos do fundos das lavadeiras e as relacionamos com sentimentos e afetos advindos das memórias das mulheres.

No item 5.2 “Narrativas Oraís: entrevistas semiestruturadas” voltamos nosso olhar ao objetivo “verificar como essas mulheres compreendem sua vivência e trajetória no Movimento das Lavadeiras de Salvador atualmente”, e como apresentado na metodologia, selecionamos trechos obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas realizadas com mulheres negras protagonistas do MLS. Em um segundo momento categorizamos essas falas, sintetizamos e organizamos os dados selecionados também em quadros, como nas narrativas documentais, contendo informações centrais extraídas dos discursos.

E por fim, no item 5.3 “Discussões sobre Memórias Afetivas” retomamos os principais pontos levantados nas análises das narrativas documentais e oraís e aprofundamos, a partir do fundamentos da pesquisa (memória afetiva, mulheres negras, protagonismo e movimento de lavadeiras de salvador).

5.1 NARRATIVAS DOCUMENTAIS

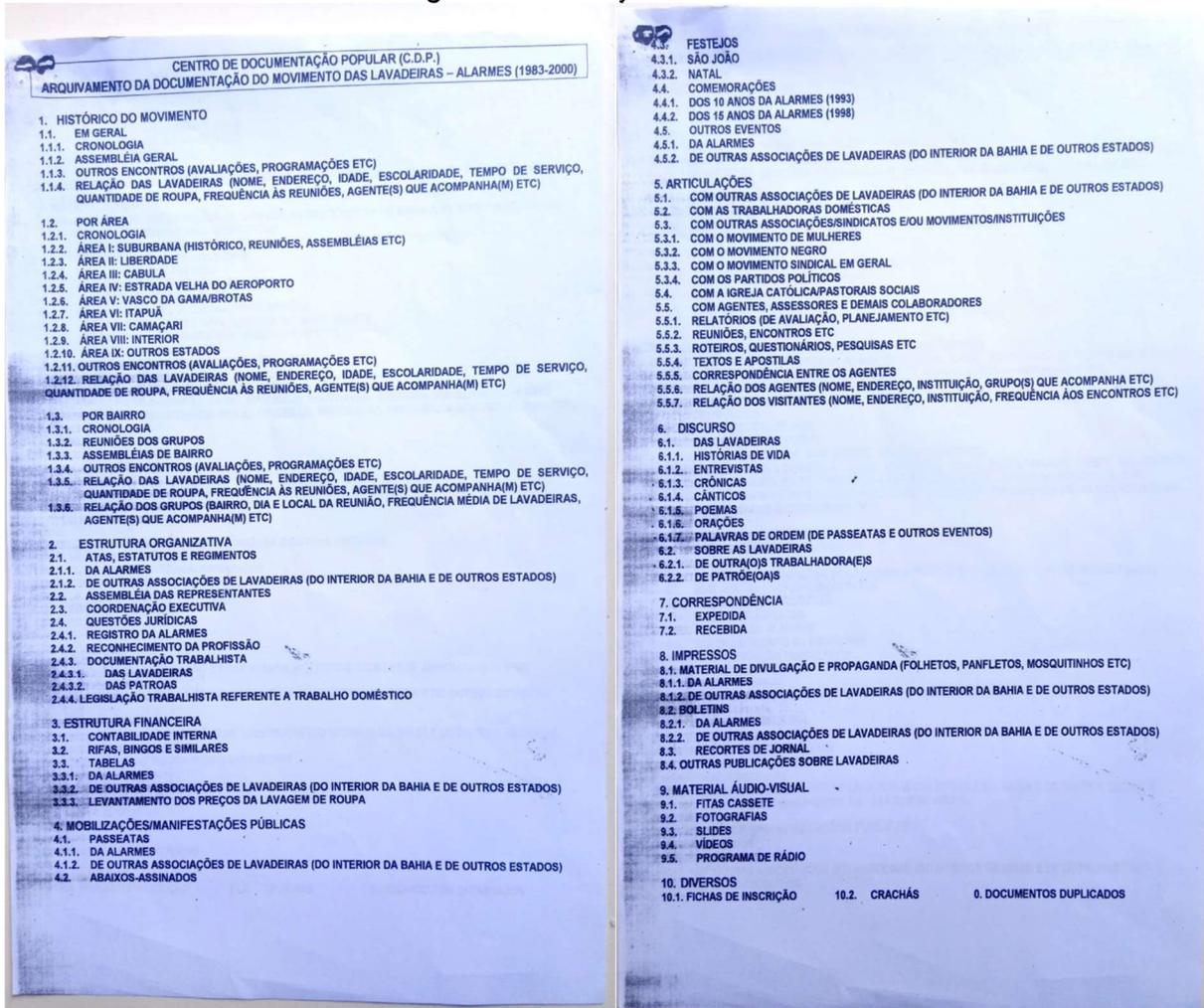
Nesta seção vamos nos concentrar no objetivo específico “examinar os documentos identificados sob a perspectiva da memória afetiva das mulheres negras do Movimento das Lavadeiras de Salvador” que foram selecionados a partir de trechos das narrativas dos discursos proferidos para entrevistas no Caderno do CEAS (1988) e Boletins ALARMES. Contudo, primeiro é importante apresentar uma breve discussão sobre a origem desses documentos como fundo arquivístico, que apresenta divergências, assim como a criação da própria ALARMES e do MLS.

Os documentos do MLS, dialogam com os documentos da ALARMES, isto porque o MLS ganhou mais força a partir do assessoramento do CEAS e publicização do Boletim ALARMES. Ao identificarmos o Fundo documental das LAVADEIRAS é necessário salientarmos algumas nuances:

- 1- O ARRANJO⁴ das ALARMES tem recorte temporal que vai de 1983 a 2000, a acumulação dos documentos referente a associação, mantêm a organicidade por assunto, construída pela equipe do CEAS (imagem 2), bem como o recorte temporal;
- 2- As atas de assembleias dividem-se em: geral, de área, de bairro. Contudo, informamos, que na descrição do arranjo, seção 2.1 estão identificadas como Atas da Alarmes, documentos também das associações de bairro e das áreas ao redor. Assim mantivemos, respeitando o arranjo da entidade custodiadora, mesmo entendendo que alguns desses documentos não são da Alarmes e sim das associações parceiras.
- 3- O Boletim ALARMES – (alguns não especificam as datas de criação), são denominados pelas Lavadeiras de jornal, e pela entidade custodiadora são chamados de boletim.

⁴ Entendemos como Arranjo, visto que os documentos não têm especificações de descritores de séries subséries, nem nível do item documental. Assim não podemos denominar como plano de classificação. Seguindo o entendimento que arranjo é uma “sequência de operações intelectuais e físicas que visam a organização dos documentos de um arquivo ou coleção, utilizando-se de diferentes métodos, de acordo com um plano ou quadro previamente estabelecido” (ARQUIVO NACIONAL, 2005).

Imagem 2 – Arranjo da ALARMES

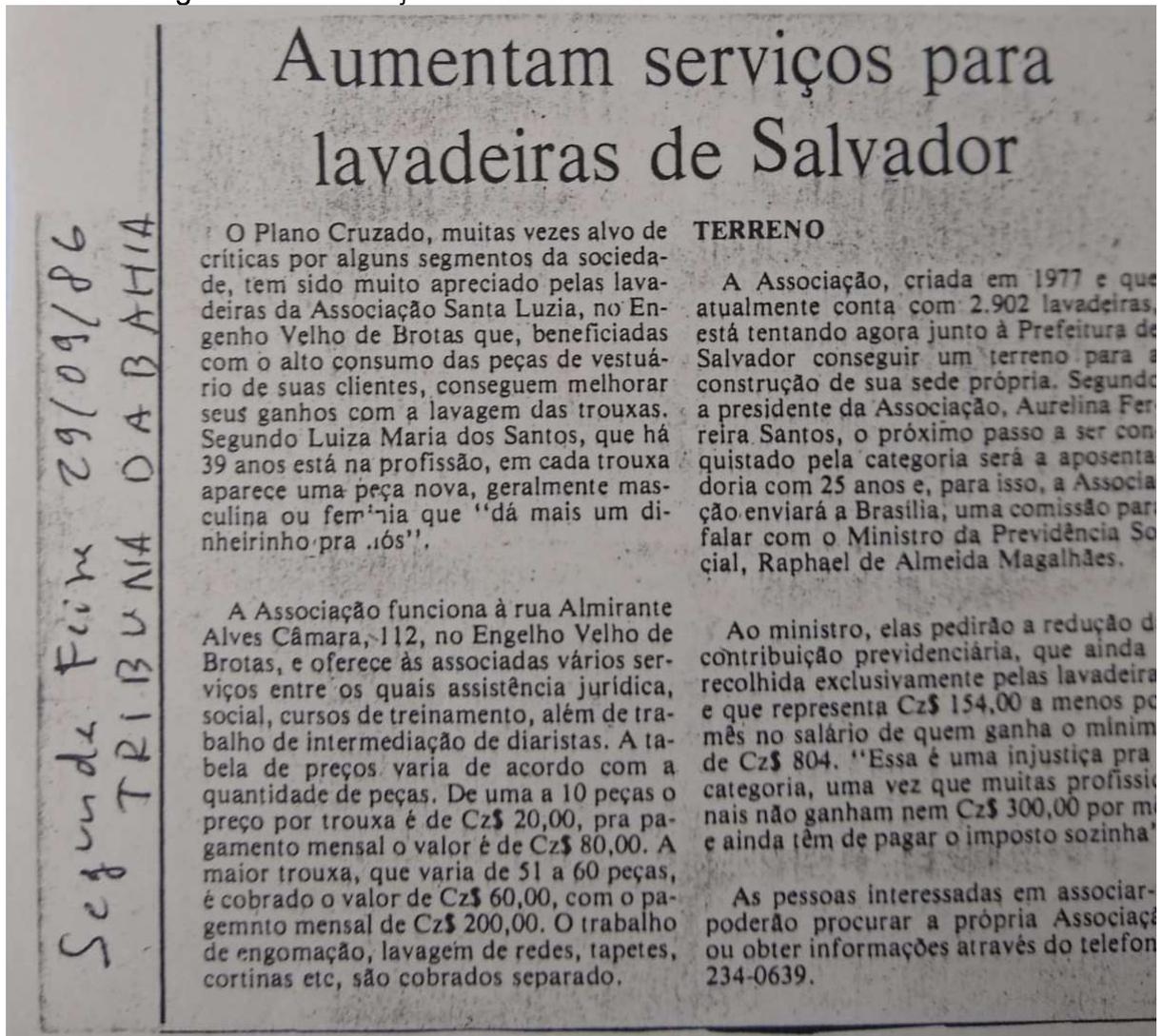


Fonte: Acervo da CAMPO, documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras (ALARMES) (1983–2002).

De acordo com imagem 2, para o levantamento referente aos documentos do Movimento das Lavadeiras de Salvador no Centro de Estudos e Ação Social (CEAS) utilizamos como guia a seção “6 DISCURSO” e “8 IMPRESSOS” a fim de coletar as entrevistas com a lavadeiras e os boletins.

Iniciamos a discussão com o surgimento do MLS enquanto associação (ponto de partida), tendo em vista a luta pela institucionalização e a discussão do movimento enquanto associação de direitos. Na imagem 3 a seguir, retirada da seção “8.3 RECORTES DE JORNAIS” do arranjo da ALARMES, o jornal Tribuna da Bahia, datado de 29 de setembro 1986 informa que a associação foi criada em 1977.

Imagem 3 – Recorte jornal Tribuna da Bahia de 29 de setembro 1986.



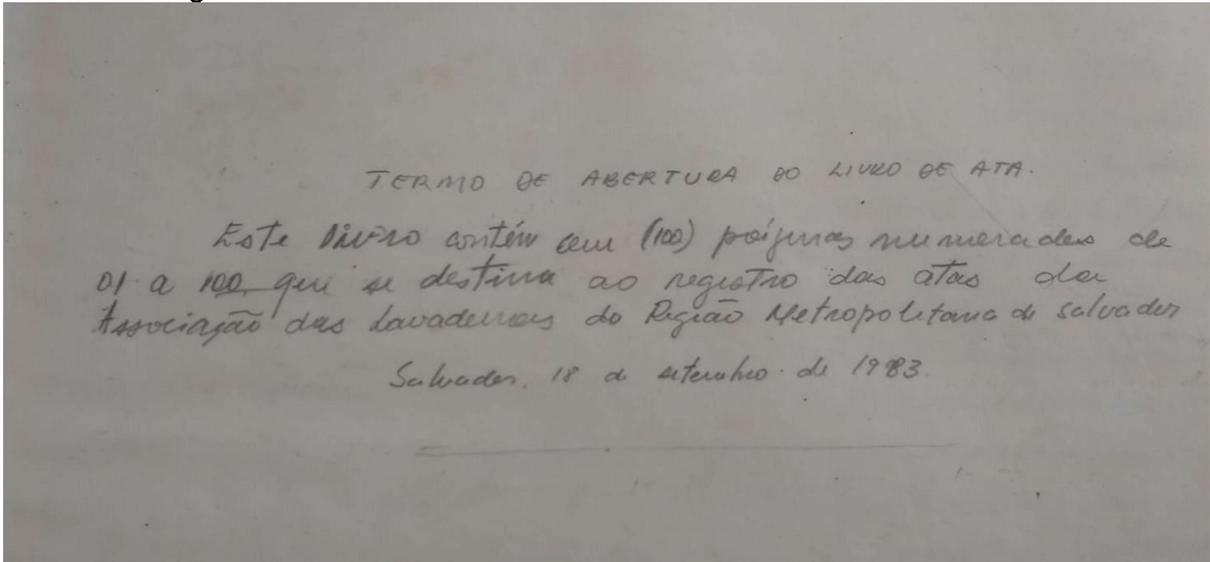
Fonte: Acervo da CAMPO, documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras (ALARMES) (1983-2002).

Nesse recorte, pode-se verificar o questionamento do pagamento a previdência tarifada em Cz\$ 154,00 (cento e cinquenta e quatro cruzeiros) onde a lavadeira menciona "Essa é uma injustiça pra categoria, uma vez que muitas profissionais não ganham nem 300,00 por mês e ainda tem que pagar o imposto sozinho".

Os discursos das Lavadeiras permeiam em voltas a previdência, visto que a atividade laboral é desgastante e sem perspectiva de aposentadoria.

Voltando na discussão sobre a criação/institucionalização da associação, a primeira ata encontrada, de setembro de 1983 (imagem 4) temos acesso ao que seria a primeira assembleia geral da associação ALARMES.

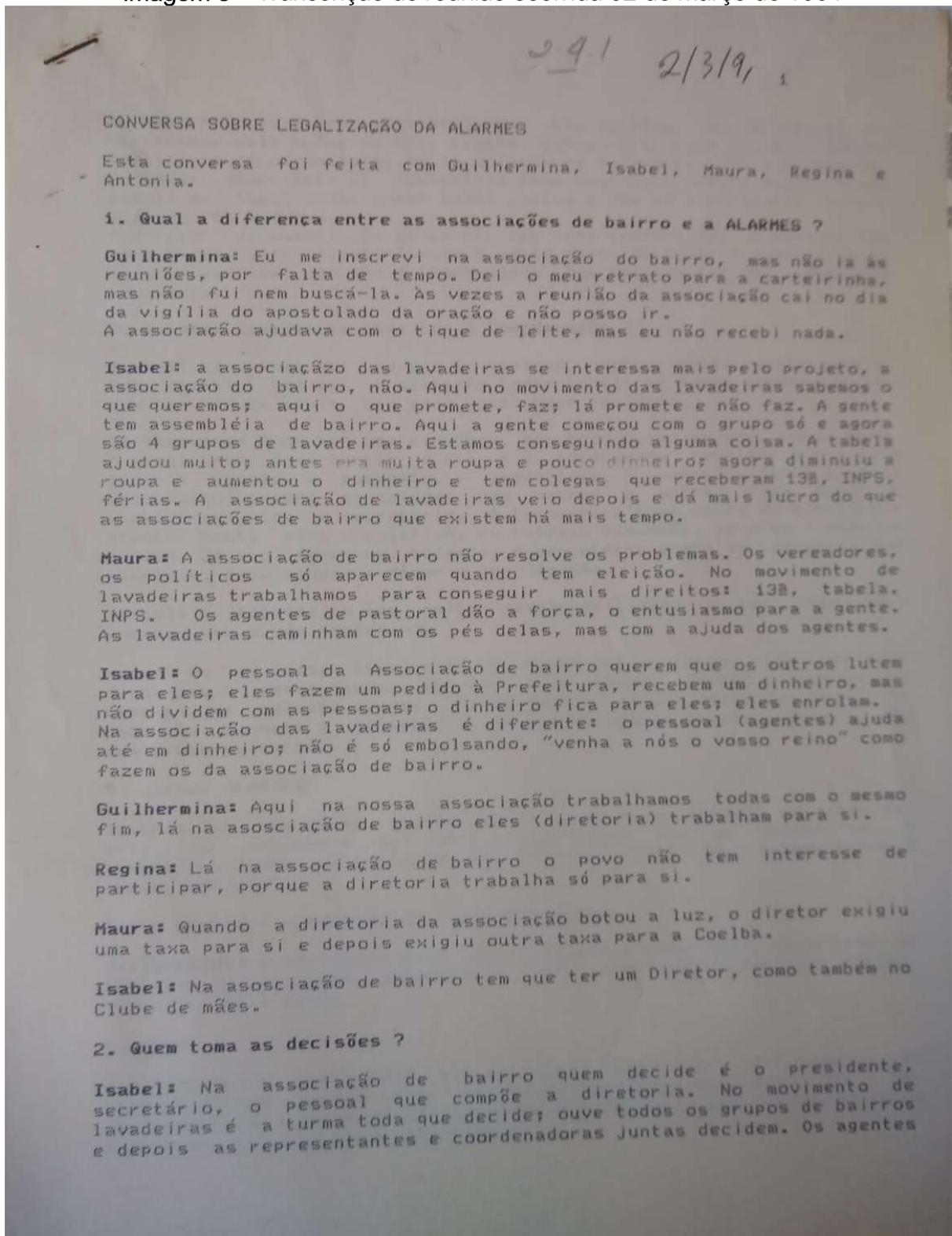
Imagem 4 – Termo de abertura do livro da Ata de setembro de 1983



Fonte: Acervo da CAMPO, documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras (ALARMES) (1983–2002).

Esta ata apresenta a intenção da criação e aprovação do nome para associação ALARMES, que já existia de fato, conforme visualizado na imagem 1. Contudo, no documento a seguir (imagem 5) é possível observar que ainda em 1991 estavam discutindo sobre a legalização da associação.

Imagem 5 – Transcrição de reunião ocorrida 02 de março de 1991



Fonte: Acervo da CAMPO, documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras (ALARMES) (1983–2002).

Na imagem acima identificamos com descrição da reunião ocorrida em 1991, ainda o debate sobre a formalização legal da ALARMES. Ela não havia sido

institucionalizada, mesmo com a indicação dos documentos anteriores mostrando o contrário, pois algumas deliberações perpassavam as associações de bairro, acarretando morosidades nas demandas das lavadeiras. Essas morosidades podem ser identificadas nas análises das narrativas dos documentos ao qual explanaremos a seguir.

Para analisar as narrativas dos documentos foram traçados dois eixos, um denominado de **vivências**, onde possuem relatos do cotidiano da vida das lavadeiras, e outro de **MLS**, onde buscamos selecionar os relatos quanto à experiência do movimento.

Vejamos o quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Narrativas dos documentos – trechos selecionados para categoria “Vivências”

Vivências
“na rua, o pessoal me chama ‘a mulher da trouxa’ e deixa de falar comigo, vira a cara porque sou lavadeira. E as vizinhas esculhambam porque fico lavando a roupa das brancas e as brancas não dão valor para a gente”
“olhe, na sociedade nós não existimos, ninguém sabe sobre nossa existência”
“por exemplo, um patrão não pagava a lavadeira a três meses, no terceiro mês ela disse – esse dinheiro que vou deixar para o senhor comer, não vai me fazer falta nem vai me aumentar. Esse dinheiro que o senhor vai comer de uma pobre lavadeira, de mim que passo fome, para lavar a sua roupa, tirar o seu lodo vai servir de vela quando o senhor morrer.”
“ na mesa da patroa tem galinha, na da lavadeira tem carcaça”.
“É uma tristeza lavar roupa no inverno, o corpo está fraco não descansa, chega a chuva tira a roupa, volta o sol bota de novo a enxugar”
“se eu deixar essas roupas que são muito baratas, eu passo fome naquela semana, a inflação sobe o dinheiro falta e eu tenho que pegar mais roupas”
“hoje ao passar as folhas do abaixo assinado encontrei uma colega que não sabe assinar”

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado a partir do CADERNO DO CEAS (1998) e os Boletins de novembro de 1985, junho de 1987 e maio também de 1987⁵.

Nos trechos selecionados evidenciamos a desvalorização quanto à pessoa humana e quanto à profissão de lavadeira, que atravessa obstáculos econômicos, culturais, sociais e de exclusão e isolamento social. O sentimento é de não fazerem parte da sociedade, como se não fossem merecedoras dos direitos trabalhistas e sociais que reivindicam.

Com relação a categoria **MLS**, selecionamos os seguintes relatos quanto à experiência do movimento. Vejamos o quadro 2, a seguir:

⁵ Os Boletins de novembro de 1985, junho de 1987 e maio também de 1987 constam no ANEXO A para visualização.

Quadro 2 – Narrativas dos documentos – trechos selecionados para categoria “MLS”

MLS
“É bom fazer uma assembleia, todo mundo junto, geral assim, porque é como uma festa de aniversário” (sic.)
“foi uma festa a gente esqueceu dos problemas em casa , veio todo mundo alegre fazendo teatro”
“é bom assembleia porque a gente conhece muitos lugares”
“Nós somos clandestinas, fazemos um trabalho clandestino, essa tabela é clandestina não é reconhecida”
“as reuniões alegram muito e devem continuar para a gente não ficar desinformada do que acontece”
“a minha patroa rejeitou a tabela, diz que não tem carimbo”
“como é que eu lavo a 10, 15 anos e nunca me pediram carteirinha? Só agora que apresentei a tabela é que querem provar que eu sou lavadeira”
“o jornalzinho é coisa fina a patroa não fica sabendo as coisas só pela gente”
“ uma patroa me disse que a tabela era mentira, que não foi feito por vocês, foi alguém que fez. Eu respondi – não, não fui eu que fiz a tabela porque, se eu soubesse fazer, não estava lavando roupa”
“deixamos a clandestinidade, e fomos para rua”

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado a partir do CADERNO DO CEAS (1998) e os Boletins de novembro de 1985, junho de 1987 e maio também de 1987,

Nos trechos selecionados, observamos relatos que remontam recordações sobre MLS, a união e reconhecimento entre pares, isto é, os descasos ocorridos no dia a dia e que sobressai nos debates das assembleias como um todo. Devido as práticas sociais de valores dominantes, percebe-se através de suas falas a deslegitimação da sua atividade laboral, mas em contrapartida também observamos que elas se sentem confortáveis nas assembleias, onde partilham vivencias com outras lavadeiras, nos fazendo perceber indícios de cidadania coletiva.

Para um melhor entendimento, no quadro 3 a seguir, sintetizamos algumas informações que consideramos mais pertinentes sobre relatos obtidos com os documentos do fundos das lavadeiras e as relacionamos com sentimentos e afetos advindos das memórias das mulheres.

Quadro 3 – Síntese das narrativas selecionadas no levantamento documental

Categoria: Vivência	Expressão: Dificuldade
A vida era ruim	Salário não é fixo
A vida era triste	Criamos nossos filhos batendo barrela
Não nos alimentamos direito	Mão fica dura, cheio de unheiro
A vida é tão difícil	Com peso dor na cabeça e na coluna
Não aguento mais de tanto ficar aguachada	Vivo doente, pernas feridas do sabão

Categoria: MLS	Expressão: Lembranças
Em cada assembleia	Lavamos a muito tempo
Tem de colocar tabela no jornal	Precisamos gritar e ter coragem. Vamos pensar no duro que damos
Sem salário sem INPS ⁶ a minha saúde não posso cuidar	Deus é tão grande essa luta vamos ganhar
Sem estas reuniões estava tudo no ar as brancas comendo os dedos da gente	Sou lavadeira a 20 anos
13º, FGTS, INPS, aux. Maternidade	A maioria é analfabeta

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado a partir das narrativas dos documentos: trechos selecionados para categoria “Vivência” “MLS”.

Pensando na proposta do trabalho de selecionar as memórias afetivas de grupo de mulheres negras dividimos as narrativas a partir da concepção de memória individual (Vivência) e coletiva (MLS), e a identificação de lembranças na percepção de si para construção do coletivo social. Contemplando tanto as concepções de Maurice Halbwachs (2006) e Fausto Pinto (2004, 2005).

Nas falas “A vida era ruim” (uma vivência individual) e “salário não é fixo” (uma dificuldade individual), a sujeita tem a percepção de que essas ocorrências são normais, pois não há identificação na sociedade de cultura dominante, machista, sexista e classista.

Por outro lado, a partir das interações sociais observamos as mudanças nas narrativas, “precisamos gritar” e “vamos pensar no duro que damos”, percebe-se a mudança do sujeito em primeira pessoa do singular para o plural – vamos, precisamos, damos – uma lembrança no coletivo em busca de direitos “13º (décimo terceiro)”, Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), previdência”, lembranças que fortalecem a construção individual a partir da construção coletiva do MLS. Observando assim, aspectos de politização para uma luta conjunta.

Outros pontos serão melhor observados nas narrativas das entrevistas semiestruturadas que analisaremos na próxima seção.

5.2 NARRATIVAS ORAIS: entrevistas semiestruturadas

Nesta seção lançamos nossa atenção para contemplar o objetivo específico “verificar como essas mulheres compreendem sua vivência e trajetória no Movimento das

⁶ O Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) foi um órgão público previdenciário federal brasileiro criado em 1966 a partir da fusão dos Institutos de Aposentadoria e Pensões existentes na época.

Lavadeiras de Salvador atualmente” que foram selecionados a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com mulheres negras protagonistas do MLS.

Categorizamos as entrevistas semiestruturadas nos mesmos eixos das narrativas documentais: vivências e MLS. No entanto, apesar de contermos uma semiestrutura nas perguntas, deixamos o diálogo transcorrer de forma a permitir as entrevistadas ficarem à vontade, como permite o instrumento escolhido.

Devido ao estado pandêmico em que ainda estamos inseridas e as entrevistadas terem idade avançada, características do grupo de risco do COVID-19, achamos mais seguro e propício realizarmos as entrevistas via telefone. Primeiramente, entramos em contato com as filhas das entrevistadas, via contato do CEAS. Em seguida, informamos no que se tratava a entrevista e o objetivo dela, obtivemos as permissões para a gravação do áudio e posteriormente demos início a entrevista mesma. Salientamos que as autorizações para realização e utilização dos discursos na pesquisa, conforme consta modelo no Apêndice B, foram encaminhados para devida assinatura.

As transcrições, foram feitas levando em consideração e respeitando a linguagem de cada entrevistada. Por isso, ao transcrevermos, preservamos resquícios da linguagem como ela foi proferida, nos fundamentando em Lélia Gonzalez (2020) ao confrontar o paradigma dominante em seus textos utilizando uma linguagem sem obediência às regras da gramática normativa, dando visibilidade ao legado linguístico de povos que foram escravizados, chamado por ela de “pretuguês”. Defendendo a descolonização do conhecimento e refutando uma neutralidade metodológica, pois entendemos que a linguagem, a depender da forma como é utilizada, pode ser uma barreira ao entendimento e criar mais espaços de poder em vez de compartilhamento, além de ser um – entre tantos outros – impeditivo para uma educação transgressora. A seguir, iniciamos a apresentação dos dados coletados.

A Entrevistada A (**Dona Lourdes**, Alto da Pombas) tem 85 anos e participou do grupo de mulheres de associação de bairro e da ALARMES, sempre residiu no Alto das Pombas. Com o seu relato conseguimos extrair as seguintes informações relacionadas e a Vivência e ao MLS

Quadro 4 – Narrativas orais – trechos selecionados da Entrevista A

Vivências
Foi... porque cresci, comecei a aprender as coisas, comecei a me desenvolver, né?... conhecer a vida... porque quando eu vivia lá, eu não conhecia a vida, eu não saía, comecei a ter amizades, comecei a sair pra curtir minha vida
[...] o pai de minha menina, aqui mesmo no Alto das Pombas... ele morava na..., O nome dele era Silva, aí me envolvi, tive minha filha... pronto.
Ficamos... ficamos, Ali mesmo atrás da padar... atrás da igreja, A gente vivemos quatro anos, mais ou menos, só
E tive só uma filha com ele, mas deixei de ser doméstica, fui lavar roupa pra cuidar minha filha.
Eu só aluguei um quartinho e foi morar com ela... depois me envolvi com o pai de minha outra menina, com essa turma aí... tudo aí é meus filhos
Um é neto e a outra é a minha filha caçula, essa que tá aí, É filho daquela que...
Eu gosto de morar aqui... eu não tenho o que dizer daqui do Alto das Pombas, não... a gente aqui mora num paraíso... o povo fala muito... não vou dizer que é 100%, mas à vista de muitos bairros que tem aí, minha filha.
Ah, eu nem sei por que me separei do primeiro marido... é que ele arranhou mulher na rua, depois casei com Domicio Casamos... na igreja e no civil.
foi quando adquirimos um terreno aqui e viemos pr'aqui, ah, levou um tempinho... quase ou mais de um ano... pra fazer mesmo a casa, demorou quase dois anos... depois que a gente começou a construir...
O pai de minha menina, mesmo, era um galinha
Aí, saio... quando tem passeio, eu vou pra passeio... já fui pra Bom Jesus da Lapa um bocado de vezes
todos meus filhos estudaram, tiraram o segundo grau... o terceiro ano... todos
Edmilson meu filho... Trabalhava como porteiro, como zelador; agora faz faxina.
Aqui?... Não falei que era cheio de mato, de lixeiro, o povo jogava lixo... tinha pé de tudo quanto era coisa... saputi, manga... aí a prefeitura. a gente ganhou ... Pertencia à Santa Casa... outros dizem que era ao dono da padaria... Não sei... depois que a gente ganhou a questão... lutamos e ganhamos, aí a prefeitura veio, mandou derrubar os pés de mato tudo; passou o trator e ampliou tudo. Aterrou tudo pra puder a gente fazer...dividiu tudo igual
O chão não tinha asfalto tudo barro
Quando a gente começou a fazer as casas, a prefeitura veio e botou os postes... depois a gente foi pedir...
De bloco... Todas aqui, quando a gente ganhou, a prefeitura veio e botou os postes, não é? Depois, quem teve condições de botar a luz em casa, foi botando e sempre dando gato aos outros... depois cada um foi botando o seu, foi a mesma coisa para água.
Tínhamos chafariz, e a maioria do alto das pomba pegava água no chafariz,
Não Tinha a escola... aqui dentro do bairro, não... tinha ali ne frente do Campo Santo... aquela escola ali... Carlos Onofre
Tinha o Posto Médico... sempre teve o Posto Médico e a igreja sempre teve posto médico e igreja
A igreja, sempre eu vou... já fiz parte, assim... tinha... quarta-feira tinha o grupo de oração e eu ia... meus filhos, tudo se batizou aí, fez primeira comunhão... tudo aí
MLS
Como lavadeira?... continuo até hoje... eu me aposentei por idade, mas é pouco... o salário é pouco... e tenho de sair também... me divertir, né?... sair, passear, tomar minha cerveja no final de semana... e o dinheiro não dá
minha filha mais velha trabalha na lavanderia também
algumas casas mesmo com agua encanada faltava muito, e peguava agua no chafariz para lavagem de roupas
A gente dizia "vamos pro grupo de mulheres", mas era o "grupo de mães"
Fiz parte do grupo de grupo de mulheres, e sempre ia no debate da associação quando tinha, pois era para ajudar o nosso povo

Fonte: Dados da pesquisa, entrevista realizada dia 18 de maio de 2021.

Observa-se nas falas da entrevistada acima, lembranças pertinentes as suas

vivências pessoais mais do que relatos sobre MLS, porém como analisado nos documentos, as associações de bairros e de mães misturavam-se, tanto quanto em relação as reivindicações das trabalhadoras quanto aos documentos produzidos.

No discurso “minha filha mais velha trabalha na lavanderia também” nota-se a perpetuação do ofício, porém não demonstra sentimentos de desagrado ou indignação, pelo contrário, pela entonação na voz, demonstra alegria, como algo bom e positivo. Corroborando com Eclea Bosi (1994), ao afirmar que onde os costumes e lembranças são repassados de gerações em gerações perpetuando uma consciência de identidade e classe.

A entrevistada B (**Dona Rosa**, Brotas) tem 87 anos, morou em diversos bairros de Salvador, participando da Associação das Lavadeiras de Santa Luzia. A Lavanderia Santa Luzia é umas das lavanderias comunitárias mais antigas e em funcionamento em Salvador, datada da época de 1950. Com o seu relato conseguimos extrair as seguintes informações relacionadas a Vivência e ao MLS.

Quadro 5 – Narrativas orais – trechos selecionados da Entrevista B

Vivências
Ó minha filha, as lembranças sempre irão ficar. Mas naquele tempo, era muito difícil, muito difícil. A gente fazia isso porque tinha que ajudar, tinha muito filho, e pra não passar necessidade. A gente tinha que trabalhar, tinha que ajudar os maridos, muitas, não conseguiam, porque naquele tempo era mais difícil os maridos, não deixavam, elas saírem, nem pra trabalhar, mas só que o meu marido, com tudo, eu sempre quis ajudá-lo e eu conseguia, apesar das dificuldade, nós tivemos quatro filhos e tinha que criar, né, "fia". Tinha que criar, então, não tinha como, naquele tempo e além de tudo, ainda a gente era muito desrespeitada, a gente não era gente.
Meus filhos cresceram ajudando na roupa, tinha que andar muito ir pra longe, pra lavar as roupas não querer nem lembrar do sofrimento vivido, pois se —sentia humilhada, nunca me senti gente. Me vem água nos olhos. A vida era ruim, era triste.
A gente tinha que se deslocar pra longe é, tinha algumas lavanderias, só que poucas, poucas das mulheres lavava, conseguiam vaga e a gente tinha que ir lá na beirada do rio, lavar, a gente usava sabão, a gente mesmo produzia sabão a gente fazia sabão de soda e o sabão de soda era muito forte a gente ficava com os dedos todos machucados, só que com o tempo passando o sabão foi melhorando, e a única coisa pior era que a gente tinha que muito longe, lavar a mais. Que jeito, né?
Quando a gente deixava com a vizinha, mas aí os maior tava responsável. E a gente pediu uma vizinha, uma prima pra fica e tinha que ser bem rápido, porque como os maridos trabalhava o dia todo, aí ficava, aí o maior cresceu e ficava mais
MLS
A gente passou a ser mais respeitada e valorizada. Com o tempo é que as coisas foram mudando, pois hoje a gente tem direito a aposentadoria, e hoje eu posso chegar em qualquer lugar e dizer que sou lavadeira e eu sou e todos os meus documentos estão como lavadeira, e antes não podia.
Assim como eu já havia dito, eu não tinha tempo, como eu disse eu tinha 4 filhos, e aí eu não tinha muito, mas eu apoiava com o que eu conseguia, e a gente queria muito nossos direitos,
[...] a gente era muito desrespeitada, falaram muito, e existia, muito, muito antigamente não era igual hoje, que sai uma história, e aí... e aí que não conseguia provas igual hoje, e hoje e mais fácil conseguir provas que as coisas acontecem, e também naquele tempo a gente como mulher não tinha

Vivências
<p>muito direito, era muito desrespeitada inclusive algumas faziam pra lutar pelos direitos, eram chamadas de nomes, eram "mulher de vida fácil" e esse tipo de coisa</p>
<p>Tenho muita saudade do tempo em que eu lavava roupa, eu tenho saudade, eu tenho... Tudo que construí agradeço a Deus e minha trouxa de roupa. A associação ajudou muito, convidada para participar. Sou uma das lavadeiras mais velhas, fui um das fundadoras da creche.</p>

Fonte: Dados da pesquisa, entrevista realizada dia 19 de maio de 2021.

Ao analisar o quadro da entrevistada B, nota-se no seu discurso frases como: “a vida era muito difícil” e “tudo que construí agradeço a Deus e minha trouxa de roupa”, as dificuldades perpassadas pela vida na lavagem de roupas. Em outros trechos, entretanto, identificamos um sentimento de afeto e saudosismo: “tenho muita saudade do tempo que eu lavava roupa”. Saudoso, pois as lembranças aqui, apesar de muita luta, atingiu seus objetivos com melhorias para a comunidade e para si na educação dos filhos.

Alinhando com teoria de Michel Pollak (1992), onde vozes subalternizadas são silenciadas pelo sistema opressor dominante, indentificamos em trechos como: “hoje eu posso chegar em qualquer lugar e dizer que sou lavadeira e eu sou”, os sentimentos de reconhecimento e identificação, percebendo que o que vivenciou foi uma imposição alheia a sua dignidade humana.

Seguindo o raciocínio apresentado na seção anterior com as narrativas documentais, no quadro 6 a seguir, sintetizamos algumas informações a respeito dos trechos selecionados a partir das narrativas orais também relacionando com sentimento de “Dificuldade” referente a categoria Vivências e “Lembranças” para os dados relativos a categoria “MLS”.

Quadro 6 – Síntese do Levantamento das narrativas orais

Categoria: Vivência	Expressão: Dificuldade
<p>Entrevistada A</p> <p>Fala de sua vivência no Bairro, e como começou lavar roupa, continuou lavando roupa.</p>	<p>Entrevistada A</p> <p>Dificuldades sanitárias, e criação dos filhos. Tem uma filha seguiu a profissão</p>
<p>Entrevistada B</p> <p>Descreve dificuldades Sustento dos filhos e marido, pobreza.</p>	<p>Entrevistada B</p> <p>Doenças ocasionadas pela lavagem, moradia e problemas sanitários.</p>

Categoria: MLS	Expressão: Lembranças
Entrevistada A Não fica claro o propósito do movimento (mas vê como algo importante, para ajudar os demais).	Entrevistada A Tem recordações boas, vividas pelo grupo de mulheres.
Entrevistada B Não teve participação ativa no movimento, mas declara a sua participação na importância da creche.	Entrevistada B Não tem recordações boas, sente falta do modo que era a lavagem antiga.

Fonte: Dados da pesquisa, elaborado a partir das narrativas orais: trechos selecionados das Entrevistas A e B.

No levantamento das informações do quadro 6 sobre as entrevistadas, observa-se a falta de consenso quanto a percepção de si através do movimento, no entanto ambas demonstram a necessidade da presença do coletivo em ajudar o outro, destacamos como os movimentos sociais “[...] projetam sentimentos de pertencimento social. Aqueles que eram excluídos passam a se sentir incluídos em algum tipo de ação de um grupo ativo” segundo Maria da Glória Gohn (2011, p. 336).

Na análise das narrativas também verificamos as desigualdade de gênero, através da fala da entrevistada A, ao mencionar que os casamentos não deram certo, pois “ele era galinha”. E na entrevistada B, quando ela menciona que “mulher era desrespeitada”, entretanto sinaliza que trabalhava para ajudar ao marido, reforçando o modelo patriarcal, onde mulheres não são donas de si, nem do seu próprio dinheiro.

As recordações relatadas quanto ao movimento são de muita de “luta” e de “fé em Deus”, pois a “vida era difícil”, relacionando essa experiência com as doenças, falta de recursos econômicos, criação dos filhos, preocupação com a velhice e regularização da profissão.

5.3 DISCUSSÕES SOBRE MEMÓRIAS AFETIVAS

Iniciamos a discussão retomando um ponto sensível para todas as lavadeiras, a institucionalização da sua associação. Nos documentos que encontramos, identificamos divergências quanto as datas, apresentando diferentes marcos como sendo “a institucionalização da ALARMES”. Vejamos:

- a) O documento apresentado na imagem 3 é um Recorte Jornal Tribuna da Bahia de 29 de setembro 1986, informando existência da Associação desde 1977;
- b) O documento exibido na imagem 4, se refere ao termo de abertura do livro do que se considera como Primeira Ata da Associação, datada de 18 de setembro de 1983, onde aprova o nome e a criação de fato da associação ALARMES;
- c) O documento da imagem 5, que exhibe parte da transcrição de uma reunião ocorrida em 02 de março de 1991, contudo, demonstra que em ainda em 1991 a ALARMES ainda não possuía registro oficial.

Precisamos destacar que o MLS, foi movimento social macro, e a ALARMES foi o instrumento informacional que potencializava a disseminação dos propósitos do MLS. Nesse aspecto, se formos analisar o acervo conforme o princípio arquivístico da naturalidade, Heloísa Bellotto (2002, p. 25) assim define que a Naturalidade na acumulação diz respeito aos "documentos não são colecionados e sim acumulados, naturalmente, no curso das ações, de maneira contínua e progressiva". Isto é, se os arquivos seriam acumulados de acordo com as atividades e funções desempenhadas pelo órgão produtor, e se a ALARMES não tem registro, ela não teria documentos de arquivo.

Outro ponto que destacamos, se refere as incongruências da seção "6 Discurso" do arranjo do fundo arquivístico da ALARMES, ao qual este estudo se debruçou na análise documental. Nesta seção, estão arranjados documentos com inferências de pessoas e instituições não ligadas ao movimento, e muitos documentos acumulados de forma intencional, a exemplo dos poemas, poesias, receitas culinárias e receitas fitoterápicas, para cuidar dos problemas de saúde que mais afetavam as mulheres.

Porém, precisamos entender na natureza singular dos documentos de arquivo do MLS, acumulados em diversas assembleias e associações de diferentes regiões, divulgações, recortes de jornais, material iconográfico de produções e doações de outros sindicatos e pessoas particulares. A documentação existente não está circunscrita, nas teorias práticas de arquivos tradicionais, caracterizando como um acervo sem rigidez e sem uniformidade das entidades clássicas administrativas, contudo, entendemos esse espaço sim, como instituição de memória com documentos arquivísticos.

Ao organizar o acervo observamos nas narrativas documentais e nos discursos das próprias lavadeiras, que a maioria delas era analfabeta, inclusive com muitas dificuldades até para assinar seus nomes para registro em atas, abaixo assinados e outros documentos oficiais, dificultando a articulação do movimento. Diante desse pressuposto, temos um acúmulo de material textual, produzido por quem? E consumidos por quem? Para responder esses questionamentos, consideramos que nessa pesquisa era fundamental como parte integrante ouvir as vozes que fizeram e participaram desse Movimento.

Nas entrevistas buscamos ouvir suas vivências e lembranças (memórias afetivas) do período em estiveram na ativa e como elas se compreendem na trajetória do MLS. Nas imagens 6, e 7 a seguir estão retratados alguns momentos desse cotidiano, que tanto foram evocadas nas memórias afetivas das narrativas orais.

Imagem 6 – Cotidiano das Lavadeiras
(1)

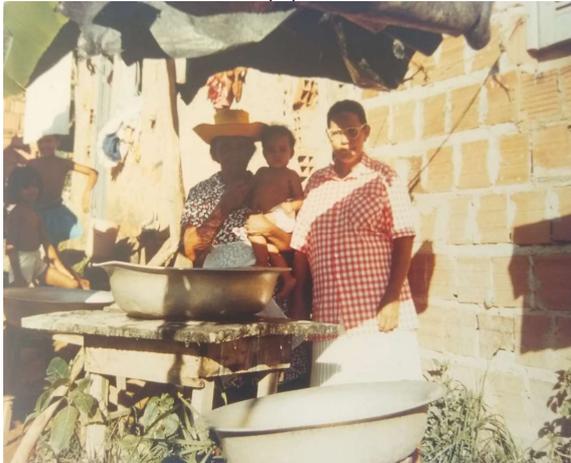


Imagem 7 – Cotidiano das Lavadeiras (2)



Fonte: Acervo da CAMPO, documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras (ALARMES) (1983–2002).

Nas imagens acima observamos o cotidiano das lavadeiras. Percebe-se na imagem 6 a lavagem em casa, onde algumas eram desprovidas de água encanada. Na imagem 7 observa-se a lavagem rudimentar, muito parecida como eram as lavagens das mulheres negras de ganho. As fotos não possuem datação, mas trata-se do fundo ALARMES com recorte temporal 1983-2002.

Os relatos encontrados nas narrativas versados pelas imagens evidenciam as dificuldades de vida. Nesse viés, as reivindicações para um atendimento digno em saúde, recebimento previdenciário e a necessidade na formalização da profissão, são

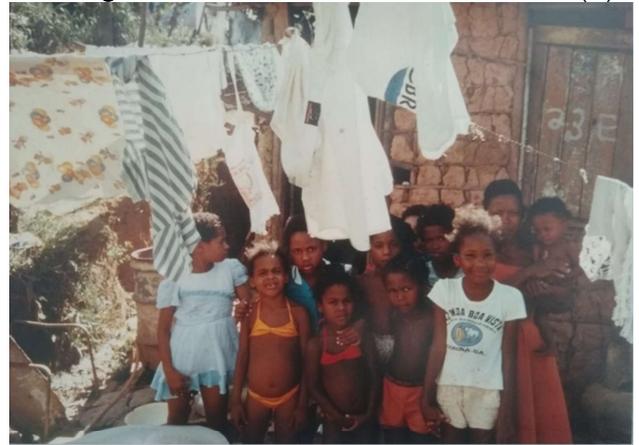
observados constantemente nas narrativas. Assim como, a desvalorização da mulher negra, tanto na vida profissional quanto na sociedade na época. Porém, conseguem distinguir a percepção de si na época com relação a sociedade atual, a transformação e o fortalecimento na construção social, pois ambas reforçam em suas falas a importância do associativismo.

A seguir, nas imagens 9 e 10 continuamos apresentando um pouco desse cotidiano das lavadeiras, agora relacionado a sua afetividade com os filhos e filhas.

Imagem 8 – Cotidiano das Lavadeiras (3)



Imagem 9 – Cotidiano das Lavadeiras (4)



Fonte: Acervo da CAMPO, documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras (ALARMES) (1983–2002).

Nessas imagens conseguimos observar o cotidiano das lavagens envoltas aos filhos e filhas, por vezes em quantidades numerosas. Os filhos e filhas faziam parte do ofício das mães de forma direta ou indiretamente, e identificamos nas fotos as dificuldades relatadas, porém análogas as crianças demonstram alegria e brincadeiras.

Observa-se a importância significativa nos discursos quanto á educação dos filhos, uma conscientização social, construída através dessas interações sociais, nas atividades participes do coletivo do MLS.

O MLS, em parceria com as associações buscavam melhorias para inserção de escolas, creches, posto de saúde dentro das comunidades carentes. Essas reivindicações por direitos básicos tornaram mais latentes após a constituição de 1988. No entanto, estes protestos sempre existiram, mas as organizações dos coletivos mobilizavam com mais rapidez. Em um primeiro momento as requisições eram em torno de direitos, com o tempo tomou conta uma conscientização de unidade coletiva, e o

desejo serem inseridas como parte integrante da sociedade. Conforme Maria da Glória Gohen (2011, p. 336-337) nos exemplifica:

Há neles uma ressignificação dos ideais clássicos de igualdade, fraternidade e liberdade. A igualdade é ressignificada com a tematização da justiça social; a fraternidade se retraduz em solidariedade; a liberdade associa-se ao princípio da autonomia – da constituição do sujeito, não individual, mas autonomia de inserção na sociedade, de inclusão social, de autodeterminação com soberania.

A autora sinaliza que os movimentos sempre existiram, porém atualmente a conscientização de pessoa humana, não mais está à margem da sociedade e sim fazendo parte das decisões políticas, através da coletividade, sem a consciência de organizacional rígida, mas de inclusão participativa.

6 “MARIA TEM MUITA ESPERANÇA”: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho partimos de uma perspectiva multidisciplinar, com conceitos da Sociologia, História, Arquivologia e Ciência da Informação, para uma reflexão acerca dos conhecimentos teóricos sobre documentos de arquivo de movimentos sociais, pois estes possuem uma realidade peculiar, onde existem registros de histórias de vida subalternizadas, e não somente atos administrativos jurídicos de cunho probatório. Nessa particularidade nos baseamos na área de ciência social, onde a arquivologia está inserida. Em busca de um olhar contemporâneo, mas humanístico.

Nesse aspecto, o referencial teórico foi pertinente, pois conseguimos fazer as análises sobre a memória afetiva através dos documentos, sejam nos documentos textuais, iconográficos ou orais. Percebemos o elo da memória afetiva na construção do MLS, entendemos por documentos de arquivo as informações armazenadas no fundo das Lavadeiras, caracterizando este, como patrimônio de memória social inigualável. Carecendo em nosso entendimento de teorias que reavaliem os princípios arquivísticos.

No decorrer do tratamento documental do acervo da ALARMES, nos deparamos com questões adversas à pesquisa, como a questão de documentos não arquivísticos nos arquivos. E trazemos novas indagações com análise documental das narrativas sob os aspectos da memória afetiva nos arquivos.

Para isso, o objetivo geral da pesquisa se preocupou em analisar as narrativas de mulheres negras entendendo a ressignificação do MLS pela memória afetiva. Delimitando como objetivos específicos preocupações com: levantamento documental, identificação dos principais documentos com aspectos de memória afetiva, examinando as narrativas e por fim contrapor com as entrevistas semiestruturadas realizadas na atualidade, buscando compreender a trajetória desse grupo.

Os objetivos específicos foram atingidos, contudo, devido a pandemia do COVID-19, as entrevistas foram prejudicadas, limitando nosso corpus a duas lavadeiras, porém de realidades distintas, o que enriqueceu a análise e discussão.

Ao examinar as memórias afetivas nas narrativas observamos nuances nas histórias de vida, principalmente na percepção de si enquanto indivíduos em relação ao grupo, indo de encontro com as teorias mais atuais que se aplicam a pesquisa com características pautadas no construcionismo social. Assim, nos discurso também

observamos indícios que evidenciam o pertencimento associativo, pois mesmo que na maioria das vezes, não se reconheciam como “gente” de direitos em sociedade, nas reuniões das associações se identificavam como grupo e percebiam sua importância. O que desvela essa transformação social, permitindo observarmos que a arquivística, pode dialogar com a subjetividade das narrativas nos arquivos.

Falando no arquivo em si, a maior dificuldade encontrada na pesquisa está na contextualização do acervo, pois na análise histórica e nos descritores faltou o registro da institucionalização oficial da associação. De acordo com o contexto histórico, político e social, o MLS advém das lavadeiras de ganho. No contexto arquivístico, não podemos considerar os documentos ali arranjados como expedientes administrativos jurídicos, pois estes acabam por infringir com os princípios clássicos da Arquivologia, como a naturalidade e organicidade.

Ao nos debruçarmos nas narrativas de memória afetiva para (re)construção da trajetória do MLS, identificamos problemas de gênero, classe, etnia que sobressaltam, seja no discurso da análise documental, seja no discurso das entrevistas. Evidenciando problemas sociais estruturantes na construção da sociedade, porém não descritos no fundo arquivístico do MLS-ALARMES, pois se manteve a classificação original da entidade custodiadora do acervo. Porém, o ideal, principalmente nos registros das histórias orais, seria ter essas informações e descritores destacados para maior a eficiência na difusão e celeridade no acesso à informação.

Consideramos que o acervo do MLS é uma rica fonte de informação, tanto para sociedade quanto para as pesquisas científicas. Pois nele, encontramos diversas realidades, histórias de vida e um patrimônio imaterial versado em narrativas, contudo, carecendo de uma análise profunda no campo da arquivologia.

Entendemos que Arquivologia estando na área de ciências sociais, precisa conversar com outras áreas, mostrando de fato a interdisciplinaridade, como visto neste trabalho, onde utilizamos conceitos da Sociologia, História e Psicologia. Caso contrário, a arquivística ao reproduzir somente normativas tecnicistas clássicas sem o diálogo com temáticas emergentes e contemporâneas, acaba por desconsiderar, de certa forma, as análises de documentos subjetivos e peculiares provenientes das esferas sociais, como no caso do MLS.

Com este estudo, identificamos alguns trabalhos que demonstram a preocupação com o apagamento de memórias subterrâneas, em contramão, nos parece que ainda nos permitimos ou somos condicionadas(os) a seguir princípios da área que se mostram arbitrários, ao colaborarem com práticas opressoras e excludentes. Assim, a realidade dos Centros de Informação e Arquivos, são conturbadas, pois, por um lado suas funções, no discurso, são baseadas no papel social dos arquivos através da difusão, disseminação e acesso à informação, mas que por vezes contribuem no apagamento de memórias coletivas subalternizadas, como o caso desse grupo de mulheres negras que estudamos na pesquisa.

Estudos e pesquisa com esse perfil contribuem na preservação dessas memórias, sobretudo em como dar voz e manter vivo esses documentos. Acreditamos ser este, um dos principais papéis sociais dos arquivos, ressignificando memórias coletivas como das mulheres negras do MLS, contribuindo para que suas lutas e conquistas não desapareçam.

Concluimos, como os versos da Lavadeira Laura (Vila Dois irmãos, Barreiras), a voz que ecoou nos títulos dos capítulos deste trabalho, com uma leve adaptação da leitura: [Maria] “Esfrega a roupa no Tanque” [pois] “A vida de maria não é sopa” [mas] “Maria ... está lavando a vida” [porque] “Maria tem muita esperança” [de dias melhores].

REFERÊNCIAS

A POLLINÁRIO, Fábio. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a Produção do Conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2004.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil) **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: http://www.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Dicion_Term_Arquiv.pdf. Acesso em: 01 jun. 2021.

BARROS, Dirlene Santos; AMELIA, Dulce. Arquivo e memória: uma relação indissociável. **Transinformação**, Campinas, v. 21, n. 1, p. 55-61, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/B5P5nQBTvRBJV7Rpq8hGDfh/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 jun. 2021.

BELLOTTO, Heloísa Liberatti. **Arquivística**: objetos, princípios e rumos. Rio de Janeiro: FGV, 2002. Disponível em: <https://bibliotextos.files.wordpress.com/2012/03/arquivc3adstica-objetos-princc3adpios-e-rumos.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2021.

BELLOTTO, Heloísa Liberatti. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de: Sergio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Obras Escolhidas, 1). Disponível em: <https://psicanalisespolitica.files.wordpress.com/2014/10/obras-escolhidas-vol-1-magia-e-tc3a9cnica-arte-e-polc3adtica.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2021.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018. (Coleção Feminismos Plurais).

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. (Estudos Brasileiros, 1) Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4214438/mod_resource/content/1/BOSI%2C%20E.%20Mem%C3%B3ria%20e%20sociedade.%20Introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 01 jun. 2021.

CADERNO DO CEAS. **Lavadeiras**: Mulheres construindo um movimento. Salvador: Centro de Estudo e Ação Social, jan. 1988. Suplemento.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Geledés**: Instituto da Mulher Negra, 06 mar. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em: 01 jun. 2021.

COOK, Terry. Arquivologia e pós-modernismo: novas formulações para velhos conceitos. **Informação Arquivística**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 123-148, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://aaerj.org.br/ojs/informacaoarquivistica/article/view/9/20>. Acesso em: 01 jun. 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo, Boitempo, 2016.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina. Porto Alegre: Artmed, 2006. Cap. 1, p. 15-47.

FROHMANN, Bernd. O caráter social, material e público da informação na contemporaneidade. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 7., 2006, Marília. **Anais [...]**. Marília: UNESP, 2006. Disponível em:

<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/829/O%20car%c3%a1ter%20social%2c%20material%20e%20p%c3%bablico%20da%20in forma%c3%a7%c3%a3o.pdf?sequence=1>. Acesso em: 01 jun. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em:

http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf. Acesso em: 01 jun. 2021.

GONZALEZ, Lélia. O movimento negro unificado contra a discriminação racial (MNU).

In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982. p. 43-66. Disponível em:

<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/lc3a9lia-gonzales-carlos-hasenbalg-lugar-de-negro1.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2005.

OLIVEIRA, Sonia. de. **A construção da identidade infantil em crianças de periferia: (a sociopsicomotricidade Romain-Thiers e a ampliação do espaço terapêutico)**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1996. 235 f. Tese (Doutorado em Saúde Mental) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996. Disponível em:

http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/309210/1/Oliveira_SoniaGrubitsGoncalvesde_D.pdf. Acesso em: 01 jun. 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Houry. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 01 jun. 2021.

PINTO, Fausto Eduardo Menon. A afetividade na organização do raciocínio humano: uma breve discussão. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 35-50, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v7n1/v7n1a04.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2021.

PINTO, Fausto Eduardo Menon. **Por detrás dos seus olhos**: a afetividade na organização do raciocínio humano. 2004. 74 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/252439/1/Pinto_FaustoEduardoMenon_M.pdf. Acesso em: 01 jun. 2021.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 01 jun. 2021.

POLLAK, Michel. Memórias e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2021.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

SILVA, Lucia Helena Oliveira. **As estratégias de sedução**: mulheres escravas apre(e)ndendo a liberdade (1850-1888). 1993. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252972>. Acesso em: 01 jun. 2021.

SOARES, Cecilia Moreira. As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 17, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20856/13456>. Acesso em: 01 jun. 2021.

SOARES, Elza; RENEGADO, Flávio. Negão negra. *In*: **Letras**. Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/elza-soares/negao-negra-part-flavio-renegado/>. Acesso em: 01 jun. 2021.

VIANA, Edmeia Laurentina. **O Movimento das Lavadeiras de Salvador**: o papel social dos arquivos na ressignificação da memória coletiva. 2020. 114 f. Trabalho de

Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) – Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

ZORZO, Francisco Antônio; BAZZO, Leda Maria Fonseca; DE ALCÂNTARA, Lucian Conceição. Território urbano e memória coletiva: as lavadeiras comunitárias de Salvador e o caso do Alto das Pombas. **Revista Espacialidades**, v. 8, n. 1, p. 318-339, 2015. Disponível em: <https://cchla.ufrn.br/espacialidades/v8n1/15%20318339.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2021.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Título do Projeto de pesquisa: ARQUIVO, DOCUMENTO E MEMÓRIA AFETIVA: um estudo sobre as narrativas de mulheres negras do Movimento das Lavadeiras de Salvador.

Pesquisadora Responsável: Roseli Leal Ribeiro

Nome da Orientadora: Leyde Klebia Rodrigues da Silva

1. Fale sobre sua vivência no Movimento das Lavadeiras de Salvador (informar período que participou).
2. Fale sobre as dificuldades vividas durante esse período, sejam elas pessoais ou coletivas.
3. Quais as principais lembranças lhe vêm à tona desse período (cite alguns momentos marcantes).
4. O que a faz recordar da sua vivência no Movimento?
5. Quais ou qual relevância do movimento na sua vida? Fale sobre as experiências aprendidas.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO

Título do Projeto de pesquisa: ARQUIVO, DOCUMENTO E MEMÓRIA AFETIVA: um estudo sobre as narrativas de mulheres negras do Movimento das Lavadeiras de Salvador.

Pesquisador Responsável: Roseli Leal Ribeiro

Nome da Orientadora: Leyde Klebia Rodrigues da Silva

Convidamos e solicitamos sua autorização para participar do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “ARQUIVO, DOCUMENTO E MEMÓRIA AFETIVA: um estudo sobre as narrativas de mulheres negras do Movimento das Lavadeiras de Salvador” de responsabilidade da pesquisadora Roseli Leal Ribeiro.

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida venha a ter. Caso se sinta esclarecida sobre as informações que estão neste Termo e aceite fazer parte do estudo, peça que assine ao final deste documento. Saiba que você tem total direito de não querer participar.

1. O trabalho tem por objetivo *analisar como a memória afetiva de mulheres negras pode (re)construir a trajetória do Movimento da Lavadeiras de Salvador por meio dos documentos de arquivos sob a custódia do Centro de Estudos e Ação Social.*

2. A participação nesta pesquisa consistirá em resposta por meio de entrevistas semiestruturadas presenciais sobre o tema da pesquisa e os objetos propostos.

3. A pesquisa não apresenta riscos.

4. Os benefícios com a participação nesta pesquisa serão contribuir para estudos e pesquisa sobre normas, história do Movimento das Lavadeiras de Salvador, arquivos, documentos e memória afetiva.

5. Os participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento.

6. O nome dos participantes será mantido em sigilo, caso seja do seu interesse, assegurando assim a sua privacidade, e se desejarem terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queiram saber antes, durante e depois da sua participação.

7. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Roseli Leal Ribeiro, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone: (71) 98148-8924.



Roseli Leal Ribeiro
Pesquisadora Responsável
Matrícula 217121107



Leyde Klebia Rodrigues da Silva (Orientadora)
Matrícula SIAPE 1145834

Eu, _____, RG nº _____
declaro ter sido informada e concordo em ser participante do Projeto de pesquisa acima
descrito.

Salvador, ____ de _____ de 20____.

Assinatura

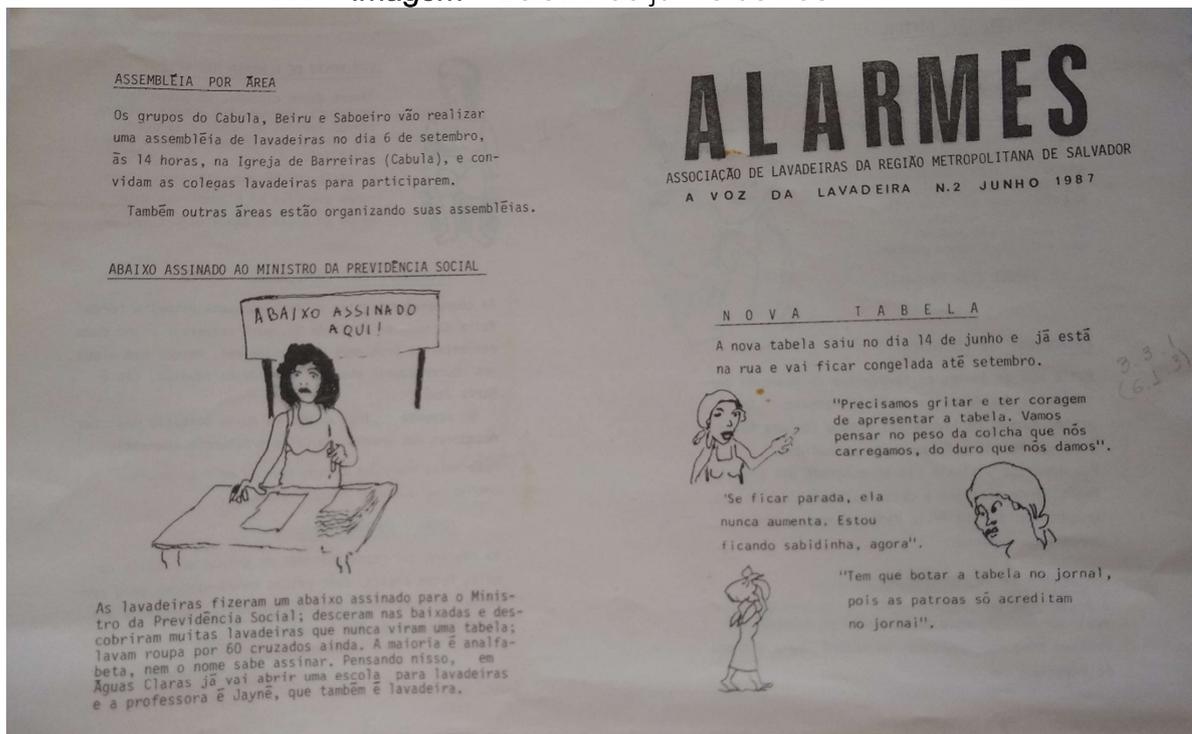
ANEXO A – BOLETINS ALARMES UTILIZADOS NAS NARRATIVAS DOCUMENTAIS

Imagem – Boletim de novembro de 1985



Fonte: Acervo da CAMPO, documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras (ALARMES) (1983–2002).

Imagem – Boletim de junho de 1987



Fonte: Acervo da CAMPO, documentos arquivados no fundo do Movimento das Lavadeiras (ALARMES) (1983–2002).

Imagem – Boletim de maio 1987



Fonte: Acervo da CAMPO, documentos arquivados no fun'do do Movimento das Lavadeiras (ALARMES) (1983–2002).